

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RITUAIS FAMILIARES E *COMING OUT* EM JOVENS ADULTOS  
LGBT: ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**Ana Carolina Casimiro Afonso**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2015**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RITUAIS FAMILIARES E *COMING OUT* EM JOVENS ADULTOS  
LGBT: ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**Ana Carolina Casimiro Afonso**

Dissertação orientada por Professora Doutora Carla Crespo  
e Doutora Luana Cunha Ferreira

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2015**

*Your father said, while giving his toast,  
“And that, of all my beliefs, I believe in love most”*

*(...)*

*‘Son tell me, when two men get married  
Who carries and who’s carried?’  
Although you know son, well that he knows –  
That, with all his belief, the answer is both”*

**Brett Every, *What a Beautiful Day***

## AGRADECIMENTOS

Ao fim deste ano cheio de atribuições e desafios, só posso sentir ondas de gratidão a todos os que ajudaram a que este projeto fosse possível. Foi bom sentir que não estava sozinha.

À *Professora Doutora Carla Crespo e Doutora Luana Cunha Ferreira*. À Professora Carla pela oportunidade em realizar esta dissertação, e a ambas pelo apoio, críticas construtivas, incentivos e resposta rápida às minhas dúvidas e inquietações.

Às *associações LGBT* que gentilmente divulgaram o meu estudo e que permitiram selecionar participantes para amostra em tempo útil: Casa Qui, Rede Ex Aequo e ILGA.

À minha *família* e aos meus *amigos*. Por acreditarem incondicionalmente (e imerecidamente!) em mim e nas minhas capacidades. É mesmo verdade que vocês nunca têm dúvidas? Nunca vacilam nesta certeza? Sinto que para vocês sou especial e perfeita, não obstante as minhas imperfeições, e esta sensação não tem preço. Não sei o que fiz para ter a sorte de vos ter a todos na minha vida. E por isso este agradecimento é para todos, pelo vosso lugar cativo no meu coração, mas em especial:

às *avós*, pelas orações constantes e persistentes. Por perdoarem as minhas ausências e ainda se alegrarem com as minhas poucas presenças. Por me perguntarem sempre se já lanchei, se tenho comido e se tenho descansado. Por se alegrarem com qualquer uma das minhas vitórias, mesmo aquelas que eram tão pequenas em relação às derrotas que nem pareciam valer a pena de serem festejadas.

à minha *mãe*, pela presença constante, pelos carinhos, por estar sempre do meu lado. Por me tranquilizar, pela liberdade que me faz sentir para que siga o meu caminho, por saber que vou ser sempre aceite e que posso ser sempre eu. Sempre, sempre, sem restrições, e ainda assim ter a certeza que vou sempre ser amada.

à *Alexandra* e ao *Pedro*, por me darem “*guarida*” durante as semanas em que precisava de me concentrar e afastar do mundo. Por me cederem espaço no chão e no coração. À *Alexandra*, por me ajudar a redefinir prioridades, que comigo andam sempre trocadas (acho que finalmente aprendi o que é de facto importante, mas se me voltar a esquecer sei que ela está lá para me lembrar as vezes que forem necessárias), pelos chás de três anos e comidinhas macrobióticas que me fizeram bem, de dentro para fora.

ao *meu Pedro*, por dizer muitas vezes que eu era a melhor e a maior (apesar de não ser verdade). Por me ensinar que o amor está nas palavras, mas também em conselhos e advertências que achava tolas (mas prometo que vou conduzir devagar e que me vou tapar bem à noite!). Por me ouvir sempre e a qualquer hora. Por me dar a certeza que não estou sozinha, e que posso e poderei contar com ele para tudo, e para sempre. O melhor és tu.

ao *João*, por estar sempre presente e ser capaz de largar tudo para me ajudar (e sempre sem fazer ideia do quanto me ajuda), não importa o dia nem a hora. Por acreditar que sou inteligente e fantástica (não sei de onde tirou ele essa ideia, mas não o consigo contradizer...), pelo “*por ti tudo, contra ti nada*” implícito a cada frase e a cada ação.

à *Rita*, pelas angústias e incertezas partilhadas, pelas tardes de tese intensiva, pelos telefonemas e mensagens, por toda a ajuda instrumental (e emocional!). Sem ti tudo teria sido mais difícil. És grande.

à *Maria* e ao *Hélder*, pela amizade e ajuda. Por me tirarem pesos de cima e me ensinarem que apesar de termos de caminhar sozinhos grande parte do tempo, em alguns troços podemos ter companhia. Por valorizarem o meu trabalho e festejarem comigo. Sem vocês este trabalho tinha sido maior e mais longo, e infinitamente menos divertido.

à *Ana*, por ter estado presente em parte desta caminhada. Por nunca se faltar (ou pelo menos era o que parecia) de me ouvir falar da tese. Pelos *post-it's* ao fim de um dia mau. Por me fazer sentir um “*génio-trovoada*” amado e acarinhado.

Por fim, mas não menos importante, aos *participantes* que aceitaram colaborar comigo neste projeto de investigação e que me cederam um pouco do seu tempo e das suas histórias. Pelas entrevistas tranquilas e bem dispostas, pelos incentivos que me foram dando, por me fazerem acreditar na utilidade e relevância desta investigação. Pelos “obrigados” sentidos que me deram, quando sou eu que tanto vos tenho a agradecer. Não é possível explicar por palavras o quanto aprendi e cresci com as vossas experiências (não só a nível profissional, mas também – e principalmente – a nível pessoal). Fizeram-me acreditar que com esperança, otimismo, coragem e, principalmente, amor, tudo é possível (até vencer preconceitos, quebrar barreiras e estreitar laços!). E só por isto todo o trabalho já valeu a pena. A minha gratidão para convosco é inenarrável.

## RESUMO

Os rituais familiares são eventos importantes que têm sido sistematicamente associados a melhor saúde e adaptação psicológica. Porém, os rituais podem também ser disruptivos e constituírem uma oportunidade para a exclusão do grupo familiar, algo a que os jovens adultos LGBT em processo de *coming out* estão particularmente suscetíveis. A investigação nesta área é escassa, pelo que o presente estudo exploratório e qualitativo tem como principais objetivos compreender o impacto percebido do *coming out* nos rituais familiares, explorar as percepções dos jovens adultos LGBT acerca da vivência dos rituais após o *coming out*, explorar a percepção dos jovens adultos LGBT relativamente à integração do parceiro nos rituais familiares e contrastar diferenças nas percepções e significados referidos consoante características pessoais dos participantes. O estudo contou com a participação de 18 participantes do numa entrevista semi-estruturada. Os dados foram explorados através de um análise temática, com auxílio do software QSR NVivo10. Os participantes identificaram revelações tendencialmente voluntárias ao *coming out* para elementos da família de origem, com reações favoráveis e desfavoráveis e identificaram elementos facilitadores e dificultadores para o *coming out*, bem como consequências positivas e negativas nas dinâmicas familiares. Identificaram ainda vários comportamentos de inclusão e de exclusão que relacionavam com o *coming out*, reconhecendo a influência de facilitadores como o compromisso oficial. Os resultados do presente estudo são discutidos à luz da Psicologia da Família, sendo consideradas as limitações metodológicas e de análise, bem como as implicações para a investigação e prática clínica.

**Palavras-chave:** Rituais Familiares; *Coming out*; LGBT; relação de casal

## **ABSTRACT**

Family rituals are important events that have been linked to better health and psychological adaptation. Nonetheless, rituals can also be disruptive and an opportunity for family group exclusion, and LGBT young adults are especially susceptible to this. Studies exploring these themes are scarce, hence this exploratory and qualitative study aims to understand the perceived impact of *coming out* in family rituals in LGBT young adults, to explore their perceptions about the experience of rituals and partners' integration after *coming out* and about and to contrast the differences in perceptions and meanings according to the participants' personal characteristics. This sample consisted of 18 participants who participated in a semi-structured interview. A thematic analysis was conducted using the QSR NVivo10 software. Participants identified voluntary revelations to the *coming out* to the elements of the family of origin, with references to favorable and unfavorable reactions. Additionally, participants recognized specific enablers and disablers for *coming out* and their positive and negative consequences for family relationships and dynamics. Participants also identified behaviors of inclusion and exclusion that relate to *coming out*, recognizing the influence of certain enablers, such as an official engagement, in the experience of rituals. The results of the present study are discussed in the light of Family Psychology, with reference to the methodological and analytical limitations, as well as to the implications for research and for clinical practice.

**Keywords:** Family Rituals, *Coming out*, LGBT, Couple relationship

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	11
1.1 <i>Coming out</i> .....	11
1.1.1 Consequências do <i>coming out</i> .....	13
1.1.2 <i>Coming out</i> , relações e interações familiares.....	14
1.2. Rituais familiares.....	15
1.2.1 Caracterização de rituais familiares.....	15
1.2.2 Importância dos rituais familiares.....	16
1.3 Rituais familiares e indivíduos LGBT.....	17
1.3.1 Rituais familiares, heterossexismo e expressão de género.....	17
1.3.2 Rituais familiares enquanto potenciadores de exclusão e inclusão familiar em indivíduos LGBT.....	18
1.3.3 Rituais e sentimento de pertença à família em indivíduos LGBT.....	20
II. METODOLOGIA.....	22
2.1 Enquadramento Metodológico.....	22
2.2 Desenho da Investigação.....	22
2.2.1 Questão Inicial.....	22
2.2.2 Mapa Conceptual.....	23
2.2.3 Objetivos.....	23
2.3 Participantes.....	24
2.4 Instrumentos de Recolha de Dados.....	24
2.4.1 Entrevista Semiestruturada.....	24
2.4.2 Questionário Sociodemográfico.....	25
2.5 Análise dos Dados.....	26
III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	29
3.1 <i>Dinâmicas Familiares</i> .....	29
3.2 <i>Coming out</i> .....	30
3.2.1 Revelação.....	30
3.2.2 Reação.....	33
3.2.3 Motivações e Facilitadores.....	37
3.2.4 Receios e Dificultadores.....	39

3.2.5 Consequências nas Relações Familiares .....	42
3.2.6. Coming out e Liberdade .....	43
3.3 Rituais Familiares .....	44
3.3.1 Vivência do Ritual.....	44
3.3.2 Facilitadores do Ritual .....	49
IV. CONCLUSÃO .....	52
4.1 Conclusões gerais .....	52
4.2 Limitações e Implicações para a Investigação.....	53
4.2.1. Limitações da Análise .....	54
4.3 Implicações Práticas .....	55
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	57
APÊNDICES .....	64
APÊNDICE A.....	65
Carta para as Instituições .....	65
APÊNDICE B .....	67
Consentimento Informado .....	67
APÊNDICE C .....	69
Blocos Temáticos da Entrevista.....	69
APÊNDICE D.....	73
Questionário de Dados Sociodemográficos .....	73
APÊNDICE E .....	76
Árvore de Categorias .....	76

## INTRODUÇÃO

A presente investigação foca o tema dos rituais familiares. Pretendeu-se explorar a questão da vivência e adaptação dos rituais familiares quando um indivíduo se assume como LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans) e se encontra num relacionamento.

Os rituais familiares tanto podem ter efeitos de apoio e suporte emocional, como podem ser disruptivos em caso de conflito familiar. Estes eventos podem, por um lado, promover a pertença ao grupo e o compromisso emocional e, por outro lado, constituir oportunidades para excluir e/ou desvalorizar opiniões e sentimentos de determinados elementos do grupo (Fiese, 2006). Por vezes, elementos da família abertamente LGBT, que já tenham feito o *coming out*, podem ser excluídos de rituais familiares (e.g. casamentos, celebração do Natal) ou serem pressionados a comportarem-se de uma determinada maneira de forma a não serem excluídos do(s) ritual(ais), comprometendo muitas vezes o seu próprio bem-estar (Oswald, 2001). Contudo, estudos que exploram os significados de jovens adultos abertamente LGBT em relação aos rituais familiares após o *coming out* e estando num relacionamento homossexual são escassos, criando a necessidade de preencher lacunas na investigação e informar a prática clínica com esta população.

Esta dissertação inclui um *Enquadramento Teórico*, onde se apresenta uma revisão da literatura nas áreas do *coming out*, dos rituais familiares e, especificamente, dos rituais familiares em indivíduos LGBT. Segue-se a secção *Metodologia*, onde é explicado o processo de toda esta investigação, e a *Análise e Discussão de Resultados*, onde são evidenciados e discutidos os principais resultados do estudo. Por fim, seguem-se umas breves *Conclusões* do estudo e um levantamento das suas principais *Limitações e Implicações para a Investigação*, bem como *Implicações Práticas*.

## I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os rituais familiares são eventos importantes que têm sido associados a melhor saúde e adaptação psicológica (Fiese, 2006). Contudo, os rituais familiares tanto podem fortalecer o sentimento de pertença à família, como serem oportunidades de exclusão de determinados elementos do grupo, tornando especialmente vulneráveis indivíduos que possam divergir relativamente à identidade familiar. Aqui podem incluir-se jovens adultos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans) em relações de compromisso que tenham ou estejam a realizar o processo de *coming out* (revelar e assumir a orientação sexual) junto da família.

### 1.1 *Coming out*

O termo *coming out* engloba não só a revelação da identidade LGBT mas também a tomada de consciência da atração sexual para com indivíduos do mesmo sexo, a sua ampla divulgação e a identificação com a comunidade LGBT - não implicando a existência de experiências sexuais (American Psychological Association, 2008; Rhoads, 1995).

Giddens (1991) refere o momento do *coming out* para com a família de origem como um ‘momento fatídico’ com impacto para a identidade familiar. Após o *coming out*, é esperado que os familiares sintam, em maior ou menor grau, necessidade de algum tempo para se ajustarem a esta nova identidade (Crosbie-Burnett, Foster, Murray, & Bowen, 1996). Não é assim apenas o momento em que um indivíduo revela pela primeira vez a sua orientação sexual aos seus amigos e/ou família (Oswald, 2000b), mas todo um processo que envolve a família, em que a reconstrução da identidade da pessoa que se identifica como LGBT é também transferida para os outros elementos da família, e em que esta identidade é negociada entre ambas as partes (Oswald, 2000b; Valentine, Skelton, & Butler, 2003). Assim sendo, trata-se de um processo contínuo que nunca termina verdadeiramente (Rhoads, 1995).

A decisão de revelar a orientação sexual à família é, normalmente, uma decisão difícil para o/a jovem, que depende bastante das expectativas quanto a possíveis consequências (Crosbie-Burnett et al. , 1996). Geralmente, os jovens LGBT recorrem a amigos quando fazem pela primeira vez o *coming out* (Kurdek, 1988), esperando uma média de seis anos desde o momento em tomam consciência da sua orientação sexual até que contem a alguém (D’Augelli, Hershberger, & Pilkington, 1998). Com o *coming out* para com as famílias os jovens relatam procurar, essencialmente, apoio emocional e

financeiro (D'Augelli, Grossman, Starks, & Sinclais, 2010; Kurdek, 1988; Valentine et al., 2003).

Como a maioria dos indivíduos que se identificam como LGBT foram educados por pais heterossexuais, estes podem sentir alguns receios quanto à reação dos familiares – muitas vezes, fundamentados pelos seus próprios mitos, estereótipos e atribuições negativas relativamente à homossexualidade (Crosbie-Burnett et al., 1996; D'Augelli, 2005; Oswald, 2002b). Contudo, não é a orientação heterossexual dos familiares que determina necessariamente reações e atitudes heterossexistas (LaSala, 2002). Segundo a investigação de Valentine et al. (2003) cerca de três quartos dos jovens relatam reações negativas de pelo menos um dos pais aquando o *coming out*, e mais de metade de ambos os pais. Apenas metade das mães e irmãos e apenas um quarto dos pais-homens segundo a investigação de D'Augelli et al. (1998) mostram-se completamente aceitantes, sendo que um quarto dos pais-homens e 10% das mães manifestaram-se ativamente rejeitantes.

A reação dos familiares aquando o *coming out* de um elemento da família dependerá, segundo o *Modelo Geral de Desenvolvimento Humano para a Análise da Orientação Sexual e Identidade de Género em Jovens e suas Famílias* (D'Augelli, 2005), da combinação de características e dimensões do desenvolvimento individual com características específicas da família, escola, pares, vizinhança, trabalho, *media*, relações com elementos extra à família e comunidade LGBT, incluindo as especificidades relativas à geração a que o individuo pertence. Também o facto de ser homem ou mulher parece ter importância tanto na reação como na revelação (com as mulheres tendencialmente a serem mais aceites do que os homens, e o *coming out* acontecer com mulheres em primeiro lugar), bem como a composição do agregado familiar, estatuto socioeconómico, grau de homossexualidade (ou seja, identificação pessoal relativamente à homossexualidade/heterossexualidade) ordem de nascimento, número de irmãos, idade dos pais e idade do jovem (D'Augelli, Grossman & Sarks; D'Augelli, Grossman, & Starks, 2005; LaSala, 2002; Mays, Chatters, Cochran, & Mackness, 1998; Valentine et al., 2003). Pode ainda variar consoante experiências e histórias de vida, como o facto de já terem amigos ou familiares homossexuais (Gorman-Murray, 2005) e região onde habitam, sendo que famílias que habitam em meio rural tendem a reagir mais negativamente (e.g. Oswald 2002b; Pace, 2004).

Cerca de um terço dos indivíduos escolhe como momento para o *coming out* uma interação com o(s) familiar(es) (Lannuti, 2011). Estes momentos de interação

podem ser em situações do quotidiano, como por exemplo durante uma refeição em família, ou durante uma celebração ou evento específico (e.g. férias em família ou aniversários), embora raramente o façam com a família toda em simultâneo (Valentine et al. , 2003).

### **1.1.1 Consequências do *coming out***

O *coming out* à família está associado a diversas consequências negativas, como por exemplo *bullying* homofóbico (abusos verbais e violência física, tanto da parte da família como dos pares, após o *coming out*), negatividade, expulsão/exclusão da família, corte relacional e/ou decréscimo da qualidade das relações familiares, menor apoio familiar, rejeição e estigmatização social e cultural, pensamentos suicidas, culpa, e, claro, medo associado à antecipação destas consequências (e.g. D’Augelli et al. , 1998; D’Augelli et al. , 2010; Gorman-Murray, 2005; Mays et al. , 1998; Valentine et al. , 2003). Para além da própria pessoa, também os familiares podem estar sujeitos a *bullying* homofóbico (Valentine et al. , 2003), stress profundo (LaSala, 2002), sentimentos de raiva para com o filho que se identifica LGBT, alterações no próprio casamento (tensão e afastamento, principalmente se o *coming out* se deu apenas com um dos pais) e conflito parental (Crosbie-Burnett et al. , 1997). Por estas razões, muitas vezes os jovens optam por não fazer o *coming out* com a família (Valentine et al. , 2003; D’Augelli et al. , 2005; 2010).

Contudo, por vezes o *coming out* pode trazer também benefícios para os jovens e respetivas famílias, se bem que estas consequências positivas sejam normalmente consideradas exceção (Gorman-Murray, 2005; 2008). Valentine et al. (2003) introduziram o conceito de *famílias personalizadas*, em que os pais reconhecem e valorizam os filhos enquanto seres individuais e com características específicas e distintas, e em que o poder entre os membros da família se encontra distribuído uniformemente independentemente do sexo dos indivíduos<sup>1</sup>. Numa família marcada pela igualdade de género e valorização da individualidade de cada um dos elementos, será mais provável que os familiares reajam mais positivamente ao *coming out* do jovem, podendo este trazer assim benefícios tanto ao jovem como para toda a família.

---

<sup>1</sup> Esta distribuição equitativa de poder manifesta-se não apenas na divisão equitativa do trabalho doméstico mas também a repartição do trabalho social e mental, como por exemplo o que diz respeito a tomadas de decisão (Treas & Tai, 2011). Isto tende a acontecer com mais facilidade em famílias onde a mulher assume funções similares à do homem fora do lar (Antman, 2014).

As consequências positivas que podem advir do *coming out* incluem a diminuição da homofobia internalizada (homofobia do jovem para si mesmo; Nielsen, Walden, & Kunkel, 2000), aumento da autoestima e autoconfiança, maior apoio familiar, fortalecimento de laços familiares (mesmo que nos primeiros momentos possa haver um momento de crise em que os laços familiares possam ficar mais enfraquecidos), maior proximidade entre os membros da família (inclusivamente com possíveis reatar de relacionamentos antigos), menor medo, aumento da coragem e maior envolvimento com atividades e direitos da comunidade LGBT (D’Augelli et al. , 2005; D’Augelli et al. , 2010; Glass, 2014; Gorman-Murray, 2005; 2008; LaSala, 2002; Mays et al. , 1998; Rhoads, 1995; Valentine et al. , 2003). O *coming out* também pode facilitar ou motivar os jovens a alcançar o sucesso noutras áreas da sua vida (Valentine et al. , 2003). Também na relação do casal dos pais do jovem LGBT o *coming out* pode trazer benefícios, como sentimentos de profunda ligação e maior união entre o casal (Crosbie-Burnett et al. , 1996).

Tendo o *coming out* consequências mais positivas ou mais negativas para a pessoa e para a sua família, implica sempre alguma mudança na comunicação e na estrutura dos relacionamentos entre os vários membros da família, o que pode desencadear uma mudança de crenças relativas à homossexualidade (Oswald, 2000b). A família e, mais especificamente, o agregado familiar, não tem de ser um espaço onde o jovem LGBT se sente diferente ou excluído, podendo ser um lugar onde se permitem perspectivas novas e diferentes e onde se desincentiva o heterossexismo e se encoraja a exploração e o desenvolvimento da sua identidade LGBT.

### **1.1.2 *Coming out*, relações e interações familiares**

Após o *coming out*, a orientação sexual continua a moldar os relacionamentos da família de origem da pessoa que se revelou LGBT (Oswald, 2002b). As mudanças nas relações entre os membros da família geram mudança dentro do núcleo familiar, constituindo-se novas formas de ‘fazer’ e ‘ser’ família (Gorman-Murray, 2005). Estas alterações têm uma das suas expressões nas interações familiares. Alguns indivíduos relatam alterações nas visitas familiares, em especial se incluírem parceiros, que nem sempre podem ser bem recebidos na família (LaSala, 2002). Também se podem sentir em dissonância com a família, serem proibidos de verem sobrinhos ou mesmo cancelarem ou serem excluídos de celebrações familiares como o Natal (Valentine et al., 2003).

Muitas vezes, ainda que os pais sejam apoiantes, estes podem sentir receio de danificar a identidade familiar, optando por esconder a orientação sexual do filho da família alargada, amigos e crianças da família (Crosbie-Burnett et al., 1996; Valentine et al., 2003). Isto pode causar grande ansiedade aos elementos a quem o jovem fez o *coming out* e ter impacto em interações familiares como férias e celebrações, ao criar uma fronteira entre os que sabem e os que não sabem (Crosbie-Burnett et al., 1996). Estas consequências negativas para nas interações familiares, contudo, tendem a diminuir ao longo do tempo (D'Augelli et al., 2010; Rhoads, 1995). Como estes contextos de rituais familiares implicam a definição de limites, podem também excluir parcial ou totalmente determinados membros da família. São mais vulneráveis a isto membros cuja posição na família é ambígua e/ou cuja identidade ou crenças não se enquadram nas da família, como por exemplo pessoas que se identifiquem como LGBT (Oswald, 2002a).

## **1.2. Rituais familiares.**

Definir rituais familiares revela-se um processo complexo pela abrangência dos contextos em que estes ocorrem e pela idiossincrasia com que as famílias constroem e organizam estes eventos familiares. De uma forma breve, e de acordo com Fiese (2006), os rituais podem definir-se como eventos familiares importantes cujo significado simbólico é partilhado pelos elementos da família, fomentando a identidade e o sentido de pertença àquele grupo. Os rituais familiares constituem estratégias adotadas por cada família face à necessidade de se adaptarem a várias exigências, assumindo um papel importante na manutenção da estrutura e ambiente emocional do quotidiano familiar (Fiese, 2006; Spagnola & Fiese, 2007). São uma forma simbólica de comunicação entre os vários elementos da família, e que, geralmente, lhes proporciona prazer pela sua repetição (Wolin & Bennet, 1984). Devido à sua natureza repetitiva, nem sempre é fácil a distinção entre rotinas e rituais. Uma maneira simples de distinguir entre um e outro é averiguar o efeito da sua interrupção (Spagnola & Fiese, 2007): uma rotina interrompida é um problema, mas um ritual familiar interrompido pode pôr em causa a coesão familiar.

### **1.2.1 Caracterização de rituais familiares**

Podemos observar quatro tipos de rituais familiares (Roberts, 2003; Wolin & Bennet, 1984): *celebrações familiares*, rituais partilhados pela cultura em que o

indivíduo está inserido (normalmente, são dias feriados: Natal, Páscoa, Dia de Ação de Graças, etc.); *tradições familiares*, os rituais menos ancorados na cultura e mais específicos de cada família (e.g. aniversários, férias, reuniões familiares...); *rituais do ciclo-de-vida*, que marcam a progressão no ciclo de vida da família e que ajudam a definir quem é que pertence à família (casamentos, formaturas, crismas, *bar mitzvahs*, etc.); e *interações familiares padrão*, que ajudam a definir as responsabilidades de cada membro da família ajudando-a a organizar-se mas que a família lhes atribui significado (e.g., ritual de deitar, de refeições, atividades de lazer, etc.).

Cada ritual pode diferir quanto ao nível de ritualização, determinado pelo número de rituais praticados e pela observação do quão significativos estes são para a família (Wolin & Bennet, 1984), bem como pelo compromisso para com o ritual (Roberts, 2003). Assim, os rituais podem ser *poucos* (quando as famílias nunca ou muito raramente celebram marcos familiares), *rígidos* (quando a família tem pouca margem para a sua flexibilização), *enviesados* (tendo um foco numa particular tradição étnica ou religiosa ou pendendo para um lado particular da família), *occos* (quando os eventos são celebrados com obrigação, tendo pouco significado para os elementos da família) ou *interrompidos* (quando a família deixa de usufruir da experiência do ritual devido a mudanças súbitas, como falecimentos ou guerras). Os rituais *flexíveis* são rituais que foram estabelecidos com flexibilidade suficiente de forma a puderem ser adaptados ao longo do ciclo de vida da família, ao mesmo tempo que o compromisso para com estes se mantém consistente, sem alteração do seu valor simbólico.

### **1.2.2 Rituais familiares e seus correlatos individuais e familiares**

Os rituais familiares têm sido associados a vários benefícios para indivíduos e famílias. Para além de demarcarem e celebrarem um acontecimento importante (Imber-Black, 2003), ajudam a reforçar os laços familiares (Imber-Black, 2003; Smit, 2001) e a ligação emocional entre os membros da família (Smit, 2001; Spagnola & Fiese, 2007). Estão ainda associados a uma melhor saúde mental (e.g. Compañ, Moreno, Ruiz, & Pascual, 2001), diminuição do risco de problemas de desenvolvimento e socioemocionais em crianças e a um melhor desenvolvimento da linguagem e competências académicas (Spagnola & Fiese, 2007). Têm ainda a capacidade de apaziguar a dor (Imber-Black, 2003) e fornecer apoio emocional (Smit, 2001), podendo ser especialmente importantes no suporte às transições naturais do ciclo-de-vida da

família (Roberts, 2003), assegurando sentido de continuidade e pertença (Smit, 2001; Roberts, 2003)

Os rituais permitem o acesso aos comportamentos e aspetos emocionais específicos que caracterizam cada família (Wolin & Bennet, 1984), exprimindo regras e crenças que definem o que é ou não aceitável para aquela família em especial (Fiese, 2006; Imber-Black, 2003; Roberts, 2003; Wolin & Bennet, 1984).

Porém, este sentido de inclusão e pertença não acontece automaticamente durante a experiência do ritual, dependendo também da qualidade de relacionamentos da família de origem e tipo de ritual (Oswald, 2002a). Não ser convidado para o ritual sugere que não se pertence àquela família, sendo este aspeto importante para a grande maioria das famílias (Glass, 2014; Oswald, 2002a). Assim, nem sempre os rituais se apresentam como momentos positivos e enriquecedores do sentido de identidade familiar. Quando os encontros familiares são oportunidades para a partilha e para o reforço de laços emocionais, há mais oportunidades para que os elementos da família se sintam valorizados no grupo. Contudo, se estes encontros são oportunidades para escárnio e conflito, acrescidos por laços emocionais ténues ou fragilizados, este sentido de identidade pode sair prejudicado (Fiese et al. , 2002).

### **1.3 Rituais familiares e indivíduos LGBT**

#### **1.3.1 Rituais familiares, heterossexismo e expressão de género**

Heterossexismo diz respeito a determinadas situações e atitudes que enaltecem a heterossexualidade e a relação heterossexual. Como qualquer situação social, a vivência dos rituais familiares também pode ser pautada pelo heterossexismo (Clarke, Burgoyne & Burns, 2013). Os casamentos, dependendo da forma como são organizados e vivenciados podem ser um exemplo de um ritual familiar heterossexista – e, dependendo das leis do país/região, um privilégio exclusivo a heterossexuais (Oswald, 2000a). Para muitos indivíduos LGBT, a linguagem de um casamento e mesmo a das uniões civis, é percecionada como profundamente heterossexista (Clarke et al. , 2013). Nestes contextos, são esperados determinados comportamentos em indivíduos heterossexuais, ou seja, determinados comportamentos que tradicionalmente são atribuídos como típicos de mulheres e de homens, apesar de não estarem relacionados com a orientação afetiva/sexual. Quando os indivíduos vão contra a estas expectativas (por exemplo uma mulher fumar cachimbo ou um homem comprar um lenço cor-de-rosa), podem ser rotulados por quem os observa como “homossexuais” ou

“potencialmente homossexuais” (Nielsen et al., 2000). Como tais comportamentos são frequentemente sancionados pela sociedade, podem tornar mais difícil a inclusão destes indivíduos em eventos sociais como os rituais familiares.

### **1.3.2 Rituais familiares enquanto potenciadores de exclusão e inclusão familiar em indivíduos LGBT**

Por vezes, o facto de um membro da família se identificar como LGBT pode fazer com que seja abertamente excluído, não convidado, não fotografado, ser maltratado ou simplesmente excluído das conversas em família (Oswald, 2000a; Oswald & Suter, 2004). O(s) membro(s) da família que organizam o ritual podem mesmo ser pressionados por outros familiares a não convidarem determinados elementos considerados inaceitáveis (Oswald & Suter, 2004). Outras vezes, a sua participação no ritual só é aceite pela família consoante o cumprimento de determinadas condições. O membro LGBT da família pode ser instruído previamente quanto ao que vestir e ao que dizer, de forma a adaptar-se ao padrão heteronormativo do ritual em causa, bem como a esconder aspetos considerados menos “agradáveis” das suas vidas – nomeadamente, aspetos relacionados com a sua orientação sexual (Clarke et al., 2013; Glass, 2014; Oswald, 2000a; Oswald & Suter, 2004).

Devido à sua natureza semipública, é mais provável que os elementos LGBT da família sejam mais convidados para celebrações do que para qualquer outro tipo de ritual (Oswald, 2002a). Contudo, devido também precisamente a esta natureza, os indivíduos LGBT preferem normalmente os rituais familiares celebrados na privacidade das suas casas (por exemplo, rituais entre o casal) onde a sua identidade não é posta em causa (Clarke et al., 2013; Glass, 2014).

No estudo de Clarke et al. (2013) a maioria dos participantes manifestava desconforto quanto a rituais familiares que envolvessem um número elevado de elementos da família alargada. Contudo, ao mesmo tempo, expressavam direta ou indiretamente a necessidade do reconhecimento familiar expresso nesse tipo de rituais. Ou seja, enquanto os rituais familiares privados eram percebidos como tendo mais significado, a resposta dos membros da família em rituais familiares mais públicos eram também entendidos como cruciais na afirmação e na validação dos seus relacionamentos LGBT. Os rituais com componente religiosa são sentidos como especialmente problemáticos para os indivíduos LGBT. Pode ser que a ligação para com a comunidade e a celebração de rituais religiosos agrave os sentimentos de não pertença

e censura para com indivíduos LGBT (Glass, 2014; Wood & Conley, 2014). Contudo, estes sentimentos podem ser mitigados em famílias que, apesar de ativamente religiosas, são também liberais para com determinados aspetos da sua religião, rejeitando as suas crenças mais heterossexistas (Oswald, 2001).

O convite (ou não convite) do parceiro do elemento LGBT para o ritual familiar também pode ser um momento de grande stress para todos os envolvidos. O parceiro pode simplesmente não ser convidado, ser convidado mas optar por não aparecer devido a receios, ou aparecer e emergirem situações de conflito/stress durante a vivência do ritual, como por exemplo sentir-se desconfortável ou não aceite pela família (Glass, 2014; Oswald, 2000a; Oswald, 2001). Apesar de se sentirem bem-vindos individualmente, podem não se poder sentir bem-vindos enquanto membros de um casal homossexual (Glass, 2014). A família próxima revela-se bastante mais importante na inclusão do parceiro que a família alargada: contudo, em caso de não inclusão, o apoio da família alargada também é importante (Oswald, 2002a).

De forma a manterem a sua identidade menos óbvia e assim evitar possíveis atritos com outros familiares, os participantes podem optar por manter a natureza do seu relacionamento vaga (por exemplo, apresentando-o e mencionando-o como “amigo” ou apenas pelo nome próprio), não trazer ou não convidar o seu parceiro para os rituais da sua família alargada ou então, pelo contrário, trazê-lo apenas para rituais que envolvam a família alargada, de modo a que este possa passar mais facilmente despercebido. Podem ainda optar por restringir as demonstrações de afeto em público, numa tentativa de dessexualizar a sua relação, de forma a torná-la mais aceitável para os familiares (Glass, 2014). Por estas razões, apesar de muitas vezes a comparência ao ritual poder ser encarado como um sacrifício (Oswald & Sutter, 2004), a maioria dos elementos LGBT e respetivos parceiros comparecem ao ritual se convidados (Glass, 2014; Oswald, 2002a). A rejeição do parceiro nos rituais familiares, contudo, nem sempre é negativa: ao não se incluir o parceiro nos rituais familiares, torna a identidade LGBT do membro menos real por estar menos visível, podendo resultar em menos conflito entre os membros da família (Mays et al. , 1998).

O ritual pode também ser ele próprio um instrumento para a desvalorização da relação homossexual por parte de alguns elementos da família. Por exemplo, no estudo de Oswald (2000a), uma das participantes relatou que, não obstante estar abertamente em união de facto com uma mulher, no momento de apanhar o bouquet num casamento uma das familiares afirmou que ela também deveria participar, uma vez que “estava

solteira”. O mesmo acontece por vezes com a pressão para um casamento heterossexual por parte dos familiares, apesar dos membros LGBT estarem abertamente numa relação homossexual. Quanto mais um ritual é heterossexista (por exemplo, o ritual da dança em casamentos), mais prementes são os sentimentos de exclusão e desvalorização por parte dos indivíduos LGBT.

Contudo, os rituais também podem ser manifestação ou mesmo instrumento de inclusão do membro LGBT na família e/ou respetivo parceiro. Muitas vezes, podem também ser oportunidades para os indivíduos LGBT perceberem os sentimentos dos elementos da família relativos à sua orientação sexual (Smart, 2007). A negociação da participação da pessoa LGBT e respetivo parceiro, se o houver, pode ser uma oportunidade para a pessoa delimitar limites e fronteiras para com a família, ao mesmo tempo que define abertamente a sua identidade LGBT – por exemplo, ao recusar-se a participar em rituais familiares que excluam o seu parceiro.

Os rituais podem ser também uma oportunidade de tornar visível a identidade LGBT da pessoa para com os membros da família, o que pode trazer benefícios para todos os membros da família, como uma maior proximidade e maior apoio instrumental e emocional (Mays et al., 1998; Oswald, 2002b). Por fim, os rituais familiares, através da sua vivência e simbolismo, podem ser um instrumento importante no sentimento de normalização da família e consolidação da identidade LGBT. Estes rituais podem ser mais complexos, como por exemplo aparecerem num evento familiar com o seu parceiro, ou então efetuarem pequenos rituais do dia-a-dia em família (por exemplo, irem às compras juntos) ou apenas falarem sobre a sua família em almoços e jantares de trabalho (Clarke et al., 2013; Glass, 2014; Sutter, Daas & Bergen, 2008)

As atitudes dos restantes elementos da família na vivência dos rituais familiares são essenciais para que estes sejam um fator de inclusão para indivíduos LGBT e respetivos parceiros. A inclusão nos rituais só ocorre quando os familiares são apoiantes, mesmo que para isso tenham de fazer um sacrifício e comprometerem um pouco o seu bem-estar, de forma a preservar laços familiares a assegurar uma vivência agradável e prazerosa do ritual por parte de todos os elementos (Oswald, 2000a; Oswald, 2002a).

### **1.3.3 Rituais e sentimento de pertença à família em indivíduos LGBT**

Os rituais são uma das maneiras da família comunicar a sua identidade (Wolin & Benett, 1984). Os rituais familiares são a porta de entrada para a família por parte de

elementos extrafamiliares, ou, pelo contrário, serem um meio de exclusão de elementos não considerados aceites. São assim um meio para a afirmação ou refutação de determinadas identidades que podem não ser consideráveis aceitáveis para a família, como pode ser o caso de uma identidade LGBT (Oswald, 2002a; Sutter et al, 2008).

Assim os membros LGBT da família podem sentir-se pressionados, em maior ou menor grau, a adaptar a sua identidade consoante diferentes rituais, de forma a serem incluídos na vivência destes (Glass, 2014). O sentimento de pertença à família parece depender, assim, de um esforço de ambas as partes: do membro LGBT para se incluir, mas também dos restantes familiares para facilitarem essa inclusão (Oswald, 2002a; Oswald & Suter, 2004; Glass, 2014). Este sentimento de pertença é facilitado quando o parceiro também é incluído nos rituais familiares (Oswald, 2002a).

Estudos que exploram os significados de jovens adultos abertamente LGBT em relação aos rituais familiares após o *coming out* e estando num relacionamento homossexual são escassos, criando a necessidade de preencher lacunas na investigação e informar a prática clínica com esta população.

## II. METODOLOGIA

### 2.1 Enquadramento Metodológico

Quando inicia uma investigação, o investigador deve escolher o paradigma mais congruente com as suas crenças acerca da natureza da realidade (Mills, Bonner, & Francis, 2006). É importante que *reflecta* e explicita questões acerca da *ontologia* (natureza da realidade e o que se pretende saber sobre ela), *epistemologia* (natureza da relação entre o investigador e aquilo que investiga) e a *metodologia* (como o investigador vai conhecer aquilo que acredita que pode ser conhecido) da sua investigação (Guba & Lincoln, 1994). Este estudo enquadra-se no paradigma pós-positivista (Guba & Lincoln, 1994): a realidade é assumida como existindo, contudo a sua apreensão é imperfeita uma vez que cada pessoa é influenciada pela sua própria história e contexto cultural no que diz respeito à forma como encara a natureza da realidade (Mills et al. , 2006). O investigador aceita que é possível aproximarmo-nos da realidade, sendo contudo impossível conhecê-la verdadeiramente.

A presente investigação consiste num estudo exploratório de metodologia qualitativa, enquadrado no paradigma pós-positivista, que utiliza a entrevista semiestruturada como base na recolha dos dados. Ao procurar explorar os significados e perceções dos rituais familiares em indivíduos LGBT, tendo esta investigação como base a metodologia qualitativa, vai permitir o foco nos significados e interpretações dos fenómenos e processos sociais nos contextos particulares em que estes ocorrem (Jupp, 2006), sendo por essa razão útil na investigação de rituais familiares em indivíduos LGBT.

### 2.2 Desenho da Investigação

#### 2.2.1 Questão Inicial

O ponto de partida do presente estudo foram as seguintes questões, a partir da qual de estruturou e desenhou esta investigação: “*Quais os significados associados aos rituais familiares da família de origem de jovens adultos que se assumam abertamente LGBT e quais as especificidades na integração do parceiro nestes rituais familiares? Existirão diferenças de acordo com o sexo, estatuto socioeconómico, religião e tempo desde o coming out?*”

### 2.2.2 Mapa Conceptual

A Figura 1 representa um esquema dos conceitos da presente investigação, a partir do qual se estruturou a investigação

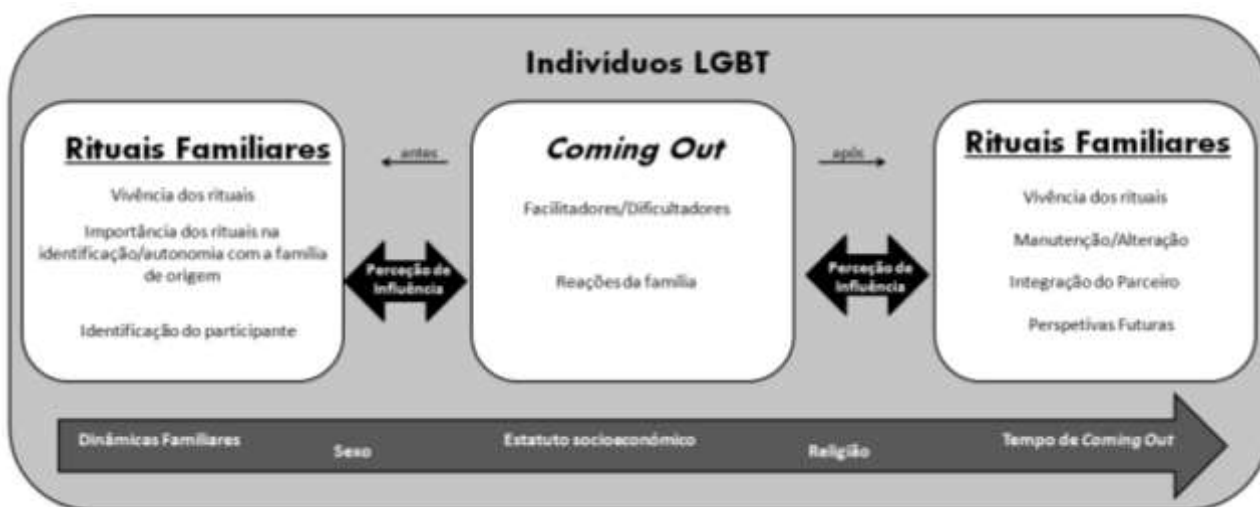


Figura 1. Mapa Conceptual da investigação

O mapa conceptual pretende ilustrar os principais objectivos do presente estudo: explorar a vivência dos rituais familiares por indivíduos LGBT antes e após o *coming out*, bem como a eventual percepção da influência entre a vivência dos rituais e as condições do *coming out*. Esta exploração tem em conta as dinâmicas familiares, o sexo do participante, o seu estatuto socioeconómico, religião e tempo de *coming out*.

### 2.2.3 Objectivos

Foram definidos os seguintes objetivos para a presente investigação:

1. Compreender o impacto percebido do *coming out* nas celebrações familiares, tradições familiares e interações-padrão da família de origem dos jovens adultos LGBT que se encontram numa relação.
2. Explorar as significações atribuídas aos rituais familiares antes e após o *coming out*.
3. Explorar as percepções dos jovens adultos LGBT acerca da vivência dos rituais após o *coming out*, bem como perspetivas em relação a rituais futuros.
4. Explorar a percepção dos jovens adultos LGBT relativamente à integração do parceiro nos rituais familiares.
5. Contrastar diferenças nas percepções e significados referidos consoante características pessoais dos participantes.

## 2.3 Participantes

Como critérios na seleção da amostra definiu-se que os participantes deveriam identificar-se como LGBT<sup>2</sup>, encontrar-se num relacionamento e já terem feito o *coming out* junto da família no mínimo há seis meses. Deveriam ainda residir na área metropolitana de Lisboa e possuir domínio da língua portuguesa. Os participantes foram recrutados através do método “bola de neve” (participantes ajudam a divulgar o estudo e a recrutar novos participantes) e do contacto com associações LGBT (ver Apêndice A). Para a participação no estudo, todos os participantes tinham de assinar no início da entrevista um Consentimento Informado (Apêndice B), ficando depois com uma cópia.

A presente amostra foi constituída por 18 participantes (10 participantes do sexo feminino e 8 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 20 e os 31 anos ( $M = 25.22$ ,  $DP = 33.10$ ). Relativamente às habilitações, 72,2% tinham formação superior (licenciatura ou formação pós-graduada), sendo que 77,8% já se encontravam a trabalhar, estando os restantes 22,2% ainda a estudar (nenhum dos participantes se encontrava desempregado). No que diz respeito à religião, a maioria dos participantes (55,6%) identificava-se como não crente, sendo que 33,3% se identificava como crente não praticante. Apenas 11,1% afirmava ser crente praticante. Relativamente à situação familiar, a maioria dos participantes eram solteiros (77,8%), estando apenas 22,2% casados ou em união de facto. No que diz respeito ao rendimento médio anual, a maioria (55,5%) possuía um estatuto médio ou médio-baixo (7 000€ a 40 00€ anuais), estando apenas 11% num estatuto alto ou baixo. Por fim, relativamente aos dados relativos à orientação sexual e *coming out*, dentro do espectro de 1 (exclusivamente heterossexual) a 7 (exclusivamente homossexual) a maioria identificou-se com 5. Os tempos de *coming out* variaram dos 10 meses aos 15 anos ( $M = 64.33$ ,  $DP = 42.91$ ).

## 2.4 Instrumentos de Recolha de Dados

### 2.4.1 Entrevista Semiestruturada

O objetivo da entrevista é permitir que o investigador possa entrar na perspetiva do entrevistado, tendo esta oportunidade de expressar as suas perspetivas pessoais, motivações e sentimentos (Jupp, 2006; Patton, 2002). É isto que diferencia as entrevistas qualitativas de instrumentos como os questionários e formulários, que

---

<sup>2</sup> Não foram contudo efetuadas entrevistas a participantes trans uma vez que apenas participantes LGB manifestaram-se interessados em participar.

forçam o participante a encaixar-se nos conhecimentos, linguagem, experiências e sentimentos das categorias de investigação e do investigador (Patton, 2002).

Para a presente investigação optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas (uma por cada participante), cujo guião se encontra disponível no Apêndice C. Este tipo de entrevista pressupõe uma série de perguntas estruturadas mas abertas, oferecendo possibilidade de serem explorados outros assuntos ou os tópicos explorados serem explorados livremente pelo entrevistado. Oferece ainda flexibilidade ao entrevistado e entrevistador para a exploração de tópicos que não tinham sido pensados anteriormente (Charmaz, 2006; Patton, 2002). Tentou-se, na construção do guião, partir de uma pergunta mais geral (caracterização da família e relações familiares) afinando para os temas principais do estudo (*coming out* e rituais), terminando com questões finalizadoras (Charmaz, 2006), remetendo para rituais futuros.

Foram realizadas na presente investigação 19 entrevistas, sendo que uma delas foi excluída devido à deterioração do seu registo áudio, ficando assim um total de 18 entrevistas com a duração média aproximada de 53 minutos.

#### **2.4.2 Questionário Sociodemográfico**

De forma a caracterizar a amostra e a poder cruzar os dados explorados nas entrevistas com algumas especificidades desta tais como o sexo, estatuto socioeconómico, religião, orientação sexual e tempo de *coming out* foi aplicado no final da entrevista um pequeno questionário sociodemográfico com a duração de aproximadamente cinco minutos. O questionário consiste em três partes: *Dados Pessoais*, *Dados do Agregado Familiar* e *Dados Relativos à Orientação Sexual e Coming out* (ver Apêndice D).

Relativamente a esta última parte, foi pedido aos participantes que identificassem livremente relativamente à sua orientação sexual, sem terem forçosamente de se colocar em categorias propostas pela investigadora. Apesar da orientação sexual ser geralmente apresentada segundo três categorias – heterossexual (atração pelo sexo oposto), homossexual (atração pelo mesmo sexo) e bissexual (atração por ambos os sexos) – vários autores defendem que esta varia num contínuo, que vai desde o *exclusivamente heterossexual* ao *exclusivamente homossexual* (APA 2008; Drucker, 2012; Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1948; Tasker, 2006). Na atualidade uma série de *novas* orientações têm sido propostas pelas comunidades LGBT e por alguns investigadores (Meyer, 2011).

Algumas investigações incluem já uma escala para os participantes se situarem relativamente à sua orientação sexual (e.g. Oswald, 2000a; Oswald, 2002b). Para esta investigação, optei então por recuperar a escala de Kinsey et al. (1948), que definia um continuum de 0 (exclusivamente heterossexual) a 6 (exclusivamente homossexual). Por considerar que pode causar desconforto para algumas pessoas lidar com o valor 0 numa escala, adaptei-a tornando-a para 1 a 7, incluindo ainda a hipótese do participante se identificar como *asexual*, à semelhança de anteriores investigações (e.g. Oswald, 2000a; Oswald, 2002b)

## 2.5 Análise dos Dados

Depois da realização e transcrição das entrevistas realizadas e reflexão sobre a questão geral, deu-se início à codificação e análise dos dados recolhidos, com auxílio do software QSR NVivo10. Através da codificação e com base na Análise Temática (Braun & Clarke, 2006), foram identificados temas principais em redor dos quais se organizaram os dados em categorias específicas que formavam determinados padrões. A Análise Temática é um método que permite identificar, analisar, encontrar e descrever padrões dentro dos dados, tendo o investigador sempre um papel ativo na identificação de padrões/temas e na seleção daqueles que são do seu interesse (Braun & Clarke, 2006). No caso específico desta investigação, e de forma a melhor aprofundar a análise temática, foram ainda utilizadas estratégias específicas de codificação propostas pelas várias correntes dos métodos *Grounded Theory* (GT, Charmaz, 2006; Corbin & Strauss, 2008), que serão ilustradas de seguida, em detalhe. Foi ainda utilizada a estratégia de escrita de *memos* na elaboração de categorias de codificação e na especificação das suas propriedades, fornecendo assim um registo preciso da investigação ao longo do processo de codificação. Este processo permitindo-nos parar e pensar sobre os dados, envolvendo-nos nas categorias e estimulando o investigador a desenvolver as suas ideias, tornando-se assim um aspeto fundamental nas investigações com *GT* (Charmaz, 2006).

À medida que os dados recolhidos nas entrevistas foram sendo relidos, começou a ser possível gerar categorias onde se *encaixaram* estes dados, agrupando vários itens das entrevistas em categorias (Bryman & Burgess, 1994; Coolican, 2009). A este processo de etiquetar e classificar segmentos de dados dá-se o nome de *codificação*. A codificação consiste no esqueleto da análise: não é apenas o seu começo, mas sim a base através da qual se construiu a nossa análise. Para a codificação das entrevistas, optou-se

por uma codificação não por palavra por palavra ou frase por frase, mas sim por conteúdo a conteúdo de interesse (Charmaz, 2006).

Nesta investigação foi tentado emergir o máximo de categorias possíveis a partir das entrevistas, procurando não definir categorias à partida. Foram evitadas assim a geração de hipóteses antes exploração dos dados, sendo que estas foram sendo geradas e testadas à medida que a recolha de dados, codificação e análise ia avançando. Foram utilizadas apenas como linha orientadora da codificação os três grandes blocos temáticos do guião de entrevista (“*Dinâmicas Familiares*”, “*Coming out*” e *Rituais Familiares*”), tendo todas as restantes categorias emergido a partir da leitura e análise das entrevistas.

Foram distinguidos três tipos de codificação ao longo da presente investigação: *codificação aberta*, onde os dados não relacionados foram separados e delineados os conceitos a serem apresentados em blocos de dados brutos (Corbin & Strauss, 2008; Strauss, 1987); *codificação axial*, quando foram relacionadas categorias e subcategorias umas com as outras, de forma a mostrar a relação entre dois ou mais conceitos bem como conceitos que são transversais (Corbin & Strauss, 2008; Strauss, 1987). Enquanto na codificação aberta se separaram os dados em categorias distintas, na codificação axial juntaram-se novamente os dados num todo coerente, elaborando-as (Charmaz, 2006; Corbin & Strauss, 2008). À medida que se foi codificando os dados das entrevistas, foi-se estabelecendo uma comparação constante entre os dados recolhidos para estabelecer distinções analíticas e atingir-se a saturação teórica, ou seja, quando deixam de surgir categorias relevantes (Holton, 2007). Ao contrário do que acontece em investigações com métodos de *GT*, não se tendo chegado a *core constructs*. Esta organização das categorias dependeu em parte do que tinha sido explorado já na literatura existente, contudo dependeu maioritariamente das informações fornecidas pelas entrevistas. Tornou-se assim possível a definição uma árvore de categorias final (disponível no Apêndice E).

Neste processo, o investigador é parte do que estuda e dos dados que recolhe (Charmaz, 2006; Mills et al. , 2006). Isto é congruente com o paradigma pós-positivista, que aceita a realidade tal como é apreendida e construída pelos indivíduos, condicionada pelas suas próprias experiências (Mills et al. , 2006). Isto não impediu que não se partisse de um enquadramento de conceitos e características principais relativamente ao que foi ser estudado (Glaser & Strauss, 1967). Devido ao seu carácter

exploratório, não foram trazidas ideias preconcebidas para provar ou refutar, sendo as hipóteses geradas e verificadas ao longo do processo de análise (Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 1967; Mills, et al., 2006).

Relativamente aos dados recolhidos através do questionário sociodemográfico (*idade, sexo, profissão, habilitações, religião, conjugalidade, rendimentos, orientação sexual, grau de coming out com a família de origem, grau coming out com a família alargada e tempo de coming out*), estes foram inseridos no software como atributos dos participantes, sendo posteriormente cruzados com determinadas categorias na análise dos dados.

### III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A partir da leitura atenta das entrevistas e de um processo contínuo de comparação ao longo do processo de codificação, foi possível chegar a 108 categorias interrelacionadas e organizadas hierarquicamente (Apêndice E), das quais se emergiram três categorias principais: Dinâmicas Familiares, Coming out e Rituais Familiares<sup>3</sup>. Estas categorias e respectivas subcategorias foram cruzadas entre si e com os atributos dos participantes, de forma a perceber as suas inter-relações e respetiva relevância. Todos os nomes incluídos nos excertos são fictícios, de forma a assegurar a confidencialidade.

#### 3.1 *Dinâmicas Familiares*

Foi dado o nome de Dinâmicas Familiares (18) às dinâmicas relacionais identificadas pelos participantes entre si e os elementos da sua família de origem e família alargada. A partir do que era referido ao longo das entrevistas, foi possível distinguir dois tipos de Dinâmicas Familiares: Dinâmicas Positivas (16), quando o participante percebe a relação com o familiar como positiva e saudável e Dinâmicas Negativas (17), quando o participante referencia a relação com o familiar como negativa e pouco saudável. As relações familiares foram codificadas pessoa a pessoa, consoante o grau de parentesco com o participante.

Dentro das Dinâmicas Positivas, os participantes identificaram as dinâmicas Proximidade (15) “*Nós temos realmente uma relação bastante próxima*”, Cuidado e Apoio (10) “*Se precisar de alguma coisa (...) sei com quem posso contar*”, Liberdade (6) “*Deixaram um bocadinho o caminho nas nossas mãos*” e Confiança (3) “*Com ela estou muito mais à vontade para falar*”. Nas Dinâmicas Negativas, os participantes identificaram dinâmicas de Afastamento Emocional (16) “*Cada um tem a sua vida, acabamos por falar mais de vez em quando*”, Conflito (12) “*A nossa relação, sempre foi assim um bocadinho... [PAUSA] conflituosa nalguns aspetos*”, Rigidez (3) “*Ela foi muito dura comigo em várias situações ao longo do meu crescimento*”, Sobreenvolvimento (3) “*A minha mãe tinha que me estar sempre a amparar os erros*” e Corte Relacional (3) “*Estava sem falar com ela há quase 2 anos*”.

Foram de notar algumas diferenças na referência a algumas subcategorias das Dinâmicas Familiares. Nas Dinâmicas Positivas, os participantes do sexo masculino

---

<sup>3</sup> De referir que foi criada uma categoria para diferenciar as *Pessoas*, dividindo-se esta em *Família de Origem* (Mãe, Pai e Irmãos) e *Família Alargada* (Avó, Avô, Tios, Primos e Outros).

fazem mais referências à subcategoria Confiança (3 dos 8 participantes), subcategoria que não foi referida por nenhuma participante: “*É daqueles miúdos que contas-lhe o que lhe contares, pedes-lhe segredo (...), ele está lá!*” (Santiago, 22 anos, *coming out* há 7 anos e 5 meses). Dentro das Dinâmicas Negativas, por sua vez, os participantes do sexo masculino não fazem referência a dinâmicas de Rigidez, que foram referidas por 3 das 10 participantes: “*Houve decisões que ela tomou que eu achei sempre muito duras quando era mais nova*”(Margarida, 27 anos, *coming out* há 8 anos).

No que diz respeito ao Conflito enquanto que 8 dos 10 participantes do sexo feminino lhe fazem referência, apenas 4 (metade) dos participantes do sexo masculino fazem referência a dinâmicas de Conflito: “*Não tenho uma boa relação com os meus pais, não é muito pacífica*” (Nádia, 27 anos, *coming out* há 6 anos). Isto pode estar relacionado com uma maior Rigidez e autoridade para com as filhas, principalmente em contextos urbanos, (Dwairy & Menshar, 2006), o que poderá fomentar dinâmicas de Conflito.

Mais participantes identificaram mais Dinâmicas Positivas com as figuras femininas (62% das avós e 67% das mães<sup>4</sup>, por contraste a 20% dos avôs e 44% dos pais<sup>5</sup>). De facto, as mulheres parecem ser vistas como mais compreensivas e apoiantes, podendo conduzir a um maior número de Dinâmicas Positivas com familiares do sexo feminino (Mays et al. , 1998).

### **3.2 *Coming out***

A categoria Coming out engloba o processo de revelação da orientação sexual do participante aos familiares. Das entrevistas, emergiram as categorias Revelação(18), Reação (18), Motivações e Facilitadores (18), Receios e Dificultadores(18)e Consequências nas Relações Familiares(14), que serão explicadas em seguida.

#### **3.2.1 Revelação**

A subcategoria Revelação é definida pelo modo de revelação da orientação sexual do participante aos familiares. Foram identificados dois tipos de revelação: Voluntária (17), quando a revelação do *coming out* se deu por decisão do participante, e Involuntária (16), quando a revelação ocorreu sem a decisão do participante. Foram

---

<sup>4</sup> De forma a simplificar a investigação e análise, optou-se por discriminar apenas o sexo dos avós e dos pais.

<sup>5</sup> Optou-se por apresentar estes resultados em percentagem uma vez que nem todos os participantes tinham avô ou avó.

criadas a subcategoria Não sabe (6) para participantes que tinham elementos significativos da sua família que ainda não sabiam da sua orientação sexual, bem como a subcategoria Primeiro Familiar para determinar o parentesco do primeiro familiar a quem o participante revelou a sua orientação sexual.

Para Primeiro Familiar, os participantes preferiram elementos da sua Família de Origem (16), ou seja, pai, mãe e irmãos, em detrimento da Família Alargada (4)<sup>6</sup>, ou seja, avô, avó, tios e primos. Os participantes mostraram preferência para primeira revelação à mãe (9), seguido do pai (6) e irmãos (4). Relativamente aos familiares significativos que Não sabem, os participantes referiram a avó (4), pai (3), o avô (2), os irmãos (2).

Os participantes revelaram três maneiras distintas de revelação Voluntária (17), sendo a mais referida por mais participantes a Conversa (17) “*À noite reuni-os na sala e disse ‘Precisava de falar com vocês. Têm um tempinho?’*”, seguido Por Escrito (2) “*Contei-lhe por e-mail*” e Presença num Ritual em Casal (2) “*A questão só se pôs assim de forma mais formal quando receberam um convite para... [RISO NERVOSO] para um casamento!*”. Na forma de revelação Involuntária (16), dividiram-se por Aperceberem-se(13) “*Eu não lhe escondo, mas também não falo com ele sobre o assunto*” e Acidentalmente ou Por outras pessoas (10) “*Ele apanhou uma conversa a meio que eu tive com o meu pai*”.

Não foram encontradas diferenças relevantes entre o sexo dos participantes e o tipo de revelação da orientação sexual, com exceção da revelação por Presença num Ritual em Casal, que foi referido apenas por participantes do sexo feminino. Tal como no estudo de Lannuti (2011), em que 39% dos participantes optaram pelo *coming out* numa interação social com um membro da família afastada, para estas duas participantes, o *coming out* a alguns elementos da família deu-se trazendo a parceira para um ritual familiar (deixando os familiares perceberem a relação que esta tinha com ela) “*Eu a partir dessa altura eu comecei sempre a levar a Vitória para todos os eventos familiares. Ela ia sempre comigo!*” (Margarida, 27 anos, *coming out* há 8 anos) tornando assim a sua orientação abertamente explícita para todos os familiares.

De salientar que, à semelhança da investigação de Lannuti (2011) também estas duas participantes optaram por este tipo de revelação apenas para familiares da família

---

<sup>6</sup>A soma destes valores não é 18 (número total de participantes) pois alguns participantes referiram ter efetuado revelações simultâneas (por exemplo, mãe e pai ao mesmo tempo).

alargada. À primeira vista este tipo de *coming out* pode ser bastante semelhante à revelação involuntária Aperceberem-se, contudo foi considerado importante fazer-se esta distinção. Apesar de à primeira vista pode ser confundido com uma revelação involuntária do *coming out*, a revelação através da Presença num Ritual em Casal foi considerada voluntária por se considerar que o participante tinha a intenção que os familiares percebessem a sua orientação sexual, sendo portanto uma forma voluntária de revelação.

No que diz respeito às diferenças no tipo de revelação consoante o parentesco com o familiar, verifica-se que os participantes prefeririam uma revelação Voluntária com a Família de Origem (16) em comparação com a Família Alargada (12). Uma sondagem bastante recente promovida pela Dezanove (2015) mostra precisamente que a maioria dos LGBT assume orientação sexual e identidade de género aos pais, sendo mais comum que a qualquer outro familiar.

De referir que apenas 3 participantes revelaram de forma Voluntária a sua orientação sexual aos avós, tendo os restantes uma revelação Involuntária (9) *“eles descobriram por causa de um primo meu, que fez o favor de escarrapachar a minha vida toda”* (Santiago, 22 anos, *coming out* há 7 anos e 5 meses)

Para os pais, contudo, a maioria dos participantes preferiu uma revelação Voluntária - mãe (13) e pai (10), sendo o método preferido a Conversa, tanto para as mães (13) como para os pais (8). *“(…) Tinha decidido já [PAUSA] uns tempos antes que queria contar [AHH] fazia-me sentido. Na altura senti-me com força para isso e contei.”* (João Francisco, 25 anos, *coming out* há 5 anos e 9 meses)

Uma explicação possível para isto ter acontecido prende-se com o facto dos elementos da família de origem serem em simultâneo os familiares com quem as relações costumam ser mais próximas, nomeadamente, o pai e a mãe. Assim sendo, o participante pode sentir-se compelido e/ou pressionado a fazer uma revelação presencial, numa conversa devido a esta proximidade relacional. Pelo contrário, elementos da família alargada não são habitualmente tão próximos, podendo o participante pensar que não lhes *deve* uma revelação presencial e específica: *“Relativamente pouco tempo depois, o meu pai. [AH] Já era quase como assumido, mas eu achei que devia [RISO NERVOSO] dizer frontalmente!”* (Maria, 31 anos, 5 anos e 2 meses.)

De salientar ainda a elevada codificação para a subcategoria Acidentalmente ou Por Outras Pessoas (10). Dentro das revelações Involuntárias, deixar que a família se aperceba gradualmente da sua orientação sexual é conotada de forma mais positiva que o familiar saber da orientação sexual do participante devido à revelação de terceiros. Apesar de igualmente involuntária, ao deixar que os familiares se apercebam, apesar de o participante não ter tido um papel ativo na revelação, não parece tão forçado como no caso da orientação sexual ser revelada Acidentalmente ou Por Outras Pessoas.

Muitas vezes os familiares - sobretudo as mães, são frequentemente o familiar escolhido pelo participante para a primeira revelação à família – tomam a iniciativa de contar a outros familiares, mesmo quando são explicitamente recomendadas a não o fazer. Isto pode acontecer porque o familiar, ao ser confrontado com este tipo de revelação, necessitará de lidar com o seu próprio choque, medo e desapontamento, podendo sentir necessidade de partilhar angústias com outros familiares (Valentine et al. , 2003). Adicionalmente, por ser a primeira pessoa a saber, pode sentir a responsabilidade de contar a outros elementos da família (Crosbie-Burnett et al. , 1996). O facto de o participante ter revelado a sua orientação sexual a alguns familiares optando por a encobrir para outros, pode criar uma fronteira não intencional entre estes elementos, o que poderá ter impacto nas interações familiares, em especial na vivência de rituais que incluam elementos de ambos os grupos. Poderá ser ainda um stress adicional para os familiares, o que pode em última análise conduzir a divisões entre os elementos da família (Crosbie-Burnett et al. , 1996). Ao mesmo tempo, pode impedir que a pessoa e o seu parceiro desfrutem plenamente do ritual (Glass, 2014).

### **3.2.2 Reação**

Em relação à reação dos membros da família face à revelação da homossexualidade, tomou-se como referência temporal não apenas a forma imediata como os familiares reagiram ao saber a orientação sexual do participante, mas também aquilo que o participante considerava ser a fase de revelação, que em grande parte dos participantes se estendia por alguns dias e não apenas o momento específico da revelação.

De acordo com os dados das entrevistas, foi possível distinguir dois tipos de reações: Reações Favoráveis (17), quando o familiar reage ao *coming out* de uma maneira que o participante considera positiva, e Reações Desfavoráveis (16), quando o participante considera que o familiar reagiu de forma negativa. Dentro das Reações

Favoráveis foram identificadas reações de Apoio (16) “*Ela disse que não entendia porque não conhecia (...) mas que eu era filho dela e que ela aceitava*”, Diminuição de Comportamentos Homofóbicos (3) “*Nunca mais teve aquele tipo de comentários homofóbicos, de há uns anos para cá deixaram de existir à minha frente*” e Maior interesse por assuntos LGBT(3) “*A minha mãe está agora muito mais atenta à comunidade homossexual... desde a manifestações, desde notícias...*”.

Dentro das Reações Desfavoráveis foram identificadas reações de Evitamento (11) “*Não dá para falar diretamente com ela sobre isso. Ela desviava muito o assunto, e mudava de assunto*”, Encarar como uma fase (8) “*Ao início a minha mãe, por mais que ela aceitasse, havia sempre aquela esperança de que pudesse ser passageiro*”, Controlo(8) “*Literalmente todos os dias, nessa altura, parava-me durante uma ou duas horas quando eu estava em casa para saber, para me perguntar se eu tinha estado com ela, se a tinha visto, se nos tínhamos comunicado de alguma forma*”, Conflito (4) “*Disseram-me tudo, desde ‘És a maior desilusão da minha vida’, até ‘Não faço ideia do que é que fiz de tão errado para ter...’ assim coisas parecidas*”, Sair de casa (3) “*A minha mãe expulsou-se de casa nessa altura*”, Não aceitar relacionamento (3) “*Somos aceites individualmente, como amigas e ela como pessoa que eles gostam mas como amiga, e não necessariamente como casal*” e Pena (2) “*Eu sei que no fundo é uma coisa que lhe causa alguma mágoa*”. Foi possível assim a distinção entre vários tipos de reações negativas, consoante a intensidade e expressividade da reação. Reações de Evitamento, Encarar como uma fase, Pena e Não aceitar relacionamento são visivelmente menos intensas e expressivas que reações de Controlo, Conflito e Sair de casa, que poderão acarretar mais consequências práticas para o jovem LGBT.

Houve algumas divergências na forma como os familiares reagiram ao *coming out*, conforme o participante era do sexo feminino ou masculino. No que diz respeito às Reações Favoráveis, nenhum participante masculino referiu reações Diminuição de Comportamentos Homofóbicos (3). Contudo, a totalidade dos participantes do sexo masculino relatou reações de Apoio (8), enquanto nos participantes do sexo feminino isto não foi referenciado por duas participantes em nenhum momento da entrevista.

Também nas Reações Desfavoráveis houve algumas diferenças interessantes entre os participantes do sexo masculino e femininos. A subcategoria Evitamento foi

referenciada por mais mulheres (7) do que que homens (4)<sup>7</sup>, bem como a subcategoria Controlo(6 referências de mulheres e apenas 2 de homens), sendo que as subcategorias Sair de casa (3)e Pena (2) foram apenas referenciadas por mulheres. Isto pode estar relacionado com o facto de mais mulheres terem referido dinâmicas familiares de Conflito (8) e de Rigidez (4), o que pode denotar já dinâmicas negativas antes do *coming out* que se poderão ter agravado com o *coming out*, potenciando uma reação mais drástica como Sair de Casa. Segundo LaSala (2002) uma vez que na nossa cultura ainda se tende a valorizar mais a independência do homem que da mulher, a desaprovação parental pode ser mais tumultuosa e problemática para as mulheres que para os homens.

Também se revelaram diferenças entre o tipo de reações consoante o parentesco do familiar com o participantes, com os participantes a referirem mais Reações Favoráveis relativamente às mães (11) e aos irmãos (7) que dos pais (4), referindo mais Reações Desfavoráveis por parte dos pais (13) que das mães (11) e dos irmãos (3). De notar que muitas vezes, durante a entrevista, o participante relatava reações ambíguas por parte dos familiares, ora mais favoráveis ora mais desfavoráveis. Dentro das Reações Favoráveis, as mães destacaram-se por mais reações de Apoio (10) que os pais (3) “(...) *Os olhos encheram-se de lágrimas. Mas o que ela disse sobre isso é que independentemente de tudo eu não deixava de ser filha dela e que ela queria é que eu fosse feliz*” (Nádia, 27 anos, *coming out* há 6 anos).

Foram apenas mães a ter reações de Maior Interesse por Assuntos LGBT (2) “(...) *A minha mãe está agora muito mais atenta à comunidade homossexual... desde a manifestações, desde notícias...*” (Gabriel, 29 anos, *coming out* há 10 meses), contudo apenas os pais reagiram ao *coming out* com uma Diminuição de Comportamentos Homofóbicos (2) “*O meu pai inicialmente tinha conversas homofóbicas (...) e depois não voltou a ter essas conversas*” (Joana, 28 anos, *coming out* há 10 meses).

Nas Reações Desfavoráveis, por sua vez, mais participantes referiram reações de Controlo por parte das mães (6) “*Entrava-me na conta do facebook, seguia-me... depois às tantas eu tinha de mentir*” (Patrícia, 21 anos, *coming out* há 6 anos) que dos pais (3), bem como de Conflito (4, para apenas 1 dos pais) “*A reacção não foi boa, foi de falar um pouco mais alto e eu (...) tentar dar a perceber a minha perspetiva, e depois a coisa tornou-se incomportável e eu fui para o meu quarto.*” (Paulo, 25 anos, *coming out* há 4

---

<sup>7</sup>Sempre que são referidas comparações entre sexo dos participantes foram feitas as devidas proporções, uma vez que o número de participantes de cada sexo era desigual (10 mulheres e 8 homens).

anos). Já os pais, a reação desfavorável mais manifestada face ao *coming out* do filho foi o Evitamento (a totalidade dos homens, com apenas metade das mulheres) “*A partir desse dia nunca mais falámos sobre o assunto (...) se calhar (...) ser um pouco constrangedor falar nisso. Não sei, a questão é que o tempo foi passando e agora até parece que nem contei*” (João Francisco, 25 *coming out* há 5 anos e 5 meses”).

De uma maneira geral, pode dizer-se que as mães tendem a reagir ao *coming out* do filho de uma maneira mais positiva que os pais. Vários estudos têm associado o sexo feminino a uma maior aceitação e a reações mais positivas face à revelação de uma orientação homossexual (D’Augelli et al., 1998; D’Augelli, Grossman, & Sarks., 2008). É esperado pela sociedade que as mulheres, em especial as mães) sejam mais compreensivas e apoiantes (Mays et al., 1998), o que explica que quando perguntado aos participantes qual o Primeiro Familiar a quem foi revelado a orientação sexual, 9 tenham referido a mãe (Kurdek, 1988; Mays et al. , 1998).

Apesar de alguns estudos (D’Augelli et al., 1998; Valentine et al. , 2003) terem referido mais reações mais explicitamente negativas para os pais que para as mães, na presente amostra isso não aconteceu, com as mães a reagirem mais ativamente tanto positiva como negativamente. Uma hipótese para isto acontecer é a mesma que para justificar as reações mais intensas da família de origem comparativamente com a família alargada: quanto mais significativa for uma relação para a pessoa, mais intensa será a reação ao *coming out* (tanto uma positiva como negativa). Com mais participantes a referirem dinâmicas positivas com as mães que com os pais, pode ser um indício de uma relação mais significativa com este elemento, o que poderá ter tido impacto na forma de reação ao *coming out*.

Foram ainda comparadas as reações da família de origem com a família alargada, com 14 participantes que referiram reações explicitamente favoráveis e 16 desfavoráveis relativamente à família de origem. Relativamente à família alargada apenas 9 participantes enumeram reações favoráveis e apenas 8 desfavoráveis. Também na investigação de Lannuti (2011) isto se verificou, com membros da família alargada a reagirem de forma mais neutra que os membros da família de origem. Isto poderá ser explicado devido à relação tendencialmente mais próxima que os indivíduos têm com elementos da sua família de origem comparativamente com elementos da sua família alargada, o que potenciará não só reações mais intensas (tanto positivas como negativas)

na família de origem, como também mais significativas para a pessoa, referindo-as mais frequentemente na entrevista.

### 3.2.3 Motivações e Facilitadores

Todos os participantes reconheceram certos aspetos que facilitaram ou tornaram propício o *coming out*. Segundo as entrevistas dos participantes, estas Motivações e Facilitadores podem dividir-se em Intrínsecas (6), quando o participante possui motivações e facilitadores internos para a revelação do *coming out* e Extrínsecas (18), quando o participante refere ter tido motivações externas.

Nas Intrínsecas os participantes referiram Aliviar (4) “*Senti a necessidade de tirar aquele peso e cima de mim...*” e Certeza relativamente à Orientação Sexual (2) “*Eu tinha decidido que contava só quando tivesse a primeira vez, para ter a certeza*”. Por outro lado, nas Extrínsecas, salientaram Apoio de outros (12) “*Acabei por ir contando às pessoas porque estava mais seguro, sabia que tinha um backup em casa se acontecesse alguma coisa*”, Relacionamentos (10) “*Entretanto envolvi-me com uma pessoa aqui de Lisboa e não fazia sentido estar a esconder isto só para mim*”, Outra Pessoa Homossexual (6) “*O que me ajudou também bastante foi o meu primo S., que ele tem vinte e seis anos e já é casado. Com um rapaz.*”, Participação em Rituais e Atividades (5) “*Olha, vou passar férias com a Susana... ’*”, *é esquisito! Estar sempre a dizer que vou passar férias com a Susana*”, Apoio de Associações LGBT/Psicólogo (4) “*Nessa altura eu já estava muito envolvida com a [Nome da Associação] e percebi que isto estava-me a bloquear no meu sistema familiar*”, Experiências Positivas relativas a homossexualidade (2) “*Era uma coisa que às vezes a gente comentava (...) de pais que expulsam os filhos de casa (...) ela sempre dizia que (...) discriminava os pais fazerem isso aos filhos. E eu sentia-me tipo... gradualmente fui-me sentindo mais seguro*” e Distância Emocional (1) “*Acho que por não estarmos tão próximos não havia tanto essa dificuldade*”.

Foi considerado importante salientar aqui a importância da referência ao Apoio de Associações LGBT/Psicólogo, referido por 4 participantes como auxiliador no *coming out* com familiares. Os participantes não especificam o teor deste apoio: em especial no que se refere especificamente ao apoio psicológico, não foi explorado se o psicólogo consultado era especializado na temática LGBT, nem se as consultas se centravam à volta do *coming out* e de todo o potencial stress a ele associado. De

qualquer das formas, vários trabalhos mostram a importância do apoio psicológico neste contexto. Este apoio psicológico deve ser providenciado por profissionais especializados na área, com formação em estratégias adaptadas a esta fase específica do *coming out* (e.g. Budge, 2014; Dunlap, 2014; Matthews & Salazar, 2012).

*S: Acho que toda a gente quando entra nessa fase de descobrir nunca leva as coisas bem. (...) eu acho que toda a gente deve ter acompanhamento.*

*E: Psicológico?*

*S: Sim... (...) Sem dúvida alguma! Eu acho que se não fosse isso também estaria a bater mal. (...) Foi uma grande ajuda.” Santiago, 22 anos, coming out há 7 anos e 5 meses.*

Também foi interessante a referência a Participação em Rituais e Atividades. Para 5 dos participantes uma das razões que motivou o *coming out* foi precisamente o facto de ao manter a sua orientação sexual escondida dos seus familiares, estar a dificultar ou a impossibilitar determinados tipos de rituais. O seguinte excerto mostra este aspeto bastante claramente:

*“Sempre coisas más! E eu não, expliquei: “(...) já não faz sentido para mim estar à mesa no Natal com vocês, ou na Páscoa ou quando quer que seja e estar sempre à procura da conversa de ‘Então quando é que arranjas uma namorada? Então quando é que não sei que mais...’” (...) Já não há paciência! Quando tu comesças a evitar estar com eles para poderes estar tranquilo e evitares este género de situações. (...) havia sempre um limite na conversa!” Gabriel, 29 anos, coming out há 10 meses.*

Todos os participantes (tanto mulheres como homens) referiram algum tipo de Motivação e Facilitador Extrínseco, contra apenas 3 participantes de cada sexo que referiram também Motivações e Facilitadores Intrínsecos. Assim, as Motivações e Facilitadores mais referidos pelos participantes do sexo feminino foram as subcategorias Apoio dos Outros (8) *“Eu sei que independentemente de tudo, e ao contrário do que aconteceu com os meus pais, era incapaz de me dizer “Não, não podes vir cá a casa” ou “Não, a A. não pode vir cá a casa” (Ana Cristina, 23 anos, coming out há 2 anos e 7 meses) e Relacionamentos* (7) *“(...) agora tenho contado a muito mais gente do que antes de quando estava numa relação. (...) com sentimentos com uma*

*pessoa é mais fácil, eu muitas vezes eu não digo a minha orientação, digo "Olha eu namoro com esta pessoa" (Adriana, 24 anos, coming out há 1 ano e 1 mês).*

Dos participantes do sexo masculino, por sua vez, foram também o Apoio de outros (4), mas também Outra Pessoa Homossexual (4). *"(...) outra coisa que me ajudou imenso (...) um colega (...) que era homossexual e que fazia a sua vida muito descontraidamente. (...) ajudou-me, realmente, a perceber que não há nenhum aspecto negativo na orientação sexual"* (Paulo, 25 anos, coming out há 4 anos).

### **3.2.4 Receios e Dificultadores**

Da mesma forma que todos os participantes identificaram determinadas Motivações e Facilitadores que favoreceram e/ou facilitaram o *coming out*, 16 participantes também identificaram aspetos que o dificultaram ou o tornaram mais difícil. Com base nas entrevistas, as verbalizações dos participantes também se dividiram em Receios e Dificultadores Intrínsecos (9) e Receios e Dificultadores Extrínsecos (14). Nos primeiros, os participantes referiram Medo Generalizado (5) *"Tinha medo. Não sei. Há sempre aquela questão que filha é diferente, e eu sempre ouvi isso, que filha é diferente"*, Religião e Crenças (3) *"Eu tive sempre muito aquela coisa de... das pessoas à minha volta terem muitas expetativas em relação a mim. Nomeadamente no contexto religioso"* e Opinião Negativa Relativamente à Homossexualidade (2) *"Aqui não, aqui existe uma promiscuidade que para mim não é saudável (...) é insânia, é suja, eu acho que é uma promiscuidade que é suja."*

Nos Receios e Dificultadores Extrínsecos, salientaram Homofobia (11) *"Dizer que lhe fazia confusão e que achava que era uma doença"*, Receio de Corte Relacional ou Afastamento (7) *"Tinha receio que não compreendessem e que isso levasse a que eu fosse excluído da família"*, Receio de Revelação Acidental a Outras Pessoas (4) *"Eu tinha receio que eles numa conversa (...) que eles deixassem escapar isso"*, Idade do Familiar (3) *"Eu estava à espera que no caso do meu irmão.. ele chegasse mais... fosse um bocadinho mais velho, para eu lhe poder explicar isso como deve ser ,para eu lhe explicar as coisas de forma certa"* , Pedidos para não contar (3) *"Ela pediu-me sempre muito para não o fazer (...) ela me encobriu-me durante os três anos anteriores"* e Distância Emocional (2) *"Eu não tinha confiança com ele, suficiente, para sequer ele, eu sequer ter a legitimidade de fazer um coming out"*.

A subcategoria Distância Emocional suscitou bastante reflexão, uma vez que é referida tanto como Dificultador (2) como enquanto Facilitador (2) do *coming out*. Enquanto que por um lado possa dificultar o *coming out*, no sentido em que a Distância Emocional com o familiar é tanta que este acaba por não fazer sentido ao participante, mas também por outro lado pode facilitar, no sentido em que o participante pode ficar mais confortável pois sabe que, independentemente da reação do familiar, pouco ou nada tem a perder (Gorman-Murray, 2008).

Não se observaram diferenças relevantes entre sexos: tantos os homens como as mulheres identificaram Receios e Dificultadores Intrínsecos e Extrínsecos de uma forma equilibrada, sendo as subcategorias mais referidas a Homofobia (11) “(...) *Eu sentia que tipo... qualquer coisa que eu fizesse podia ser julgado, e que portanto tinha que manter aquilo com completo secretismo, sem que ninguém pudesse desconfiar.*” (António, 23 anos, *coming out* há 5 anos) e o Receio de Corte Relacional ou Afastamento (7) “*Sei que faria diferença, eu sei que deixaria de ser tão adorado, se calhar ia ser metido de ponta*” (António Maria, 20 anos, *coming out* há 5 anos). A exceção foi a Revelação Acidental a Outras Pessoas, proporcionalmente referida em maior número por homens (3) “(...) *Eu tinha receio que eles numa conversa (...) quando estivéssemos ao pé de pessoas que eu não conhecesse, que eles deixassem escapar isso.*” (António, 23 anos, *coming out* há 5 anos) do que por mulheres (1) “*Acho que o meu sobrinho de cinco anos podia (...) não ter o discernimento de não se calar acerca disso à frente do meu pai*” Catarina, 26 anos, *coming out* há 26 meses.

Tal como na revelação do *coming out* Acidentalmente ou Por Outras Pessoas, também os participantes do sexo masculino referiram mais frequentemente o receio disto acontecer. Isto pode dever-se ao facto de em alguns participantes esta Revelação Acidental a Outras Pessoas já ter acontecido, tendo os participantes maior receio que aconteça novamente.

Se analisarmos apenas os receios dos participantes que neste momento se encontravam dependentes de familiares (ou seja, sem fontes de rendimento, apesar de em alguns casos já terem trabalho), podemos observar que todos referiram Receios e Dificultadores, tanto Intrínsecos (6) como Extrínsecos (7). Se atendermos aos receios Extrínsecos, que o mais referido foi Homofobia (6), seguido de Receio de Corte Relacional (4) e receio de Revelação Acidental (3). Uma vez que estes participantes se

encontravam dependentes financeiramente de familiares, ao mesmo tempo que eram alvo de comentários e/ou comportamentos de Homofobia, percebe-se porque metade receou o Corte Relacional com Familiares ou que Outros Revelem a sua Orientação Sexual Acidentalmente, o que na perspectiva do participante poderia trazer consequências práticas negativas bastante graves:

*“(...) eu já mentalizei contar quando tiver uma espécie de vida feita, quando terminar a minha licenciatura, quando já for independente! (...) Porque aí eu já não posso sofrer represálias por aquilo que eu for contar (...) eles é que me pagam os estudos.”* (António Maria, 20 anos, *coming out* há 5 anos).

Assim, estes receios e dificultadores podem não dever-se simplesmente a um medo geral ou apenas devido ao participante não ter uma relação muito próxima com determinado familiar (D’Augelli et al., 2005) mas devido ao receio de rejeição parental e/ou familiar poder ter efeitos extremamente negativos para o participante (e.g. D’Augelli et al. 1998; D’Augelli et al., 2010; Oswald, 2002a; Valentine et al. , 2003).

O facto de estarem dependentes financeiramente de outros, juntamente com o facto de poderem sentir um grande dever para com estes familiares (Valentine et al. , 2003) poderá explicar também em grande parte o porquê de 6 participantes referirem ter elementos significativos da família (na presente amostra foram referidos avôs e avós, irmãos e pai) que Não Sabem da sua orientação sexual.

Outro aspeto interessante relacionado com estes resultados é que todos os 8 participantes dependentes referem como Motivador e Facilitador do *coming out* o Apoio de Outros. Isto vai de encontro aos resultados encontrados previamente: o *coming out* voluntário nestes participantes deu-se apenas quando tinham a certeza do apoio de terceiros, ou de uma base segura caso algo no *coming out* corresse mal: “*Acabei por ir contando às pessoas porque estava mais seguro, sabia que tinha um backup em casa se acontecesse alguma coisa...*” (António, 23 anos, *coming out* há 5 anos).

Tanto nas Motivações e Facilitadores como nos Receios e Dificultadores houve um predomínio de referências a Extrínsecos. Isto pode ser explicado através do próprio processo de *coming out*, que na maioria dos indivíduos passa por duas fases: *coming out* interno (para si próprio) e *coming out* externo (para os outros). Normalmente, estes dois *coming out* não acontecem em simultâneo, sendo mais comum haver primeiro um *coming out* interno seguido de um posterior *coming out* externo (APA, 2008; Cass,

1984). Desta forma, o *coming out* externo (o tipo de *coming out* abordado nas entrevistas), por depender da reação de outros, pode estar mais suscetível a motivações e receios externos, como os referidos pelos participantes.

### 3.2.5 Consequências do *Coming Out* nas Relações Familiares

Grande parte dos participantes referiu ao longo das entrevistas ter percebido consequências do *coming out* na relação com alguns familiares. Alguns participantes referiram Melhoria no Relacionamento (10), enquanto outros relataram uma Pioria no Relacionamento (8). Dentro das Melhoria no Relacionamento, os participantes referiam Maior União (9) “*Esta ligação ficou mais forte depois destes acontecimentos*”, Maior Valorização (4) “*A minha mãe passou a olhar para mim de uma maneira diferente (...) como... mulher*” e Reatar Relações (2) “*Voltei a reatar a ligação com a minha mãe*”.

No que diz respeito à Pioria no Relacionamento, os participantes referiram Aumento da Hostilidade (6) “*Discutíamos por isso e discutíamos sem ser por isso...*”, Afastamento (4) “*Acabamos por não nos falar tanto, e depois gradualmente acabámos por falar mais mas até agora o assunto é causador de problema*” e Corte Relacional (4) “*Eu estive fora de casa durante um ano*”

Mais participantes do sexo feminino referiram Melhorias no Relacionamento(8) em comparação com os participantes do sexo masculino (2), com mais referências a Maior União (8) que a Maior Valorização (3) e Reatar Relações (2). Estes resultados podem dever-se a reações mais intensas ao *coming out* nas mulheres, nomeadamente nas reações mais favoráveis, o que se poderá traduzir numa Maior União com os familiares. Por outro lado, reações tendencialmente mais *neutras* para os participantes do sexo masculino poderão não ter originado melhorias significativas no relacionamento, na perspetiva do participante.

No que diz respeito à Pioria no Relacionamento, quando os participantes se referiram à família de origem nomearam mais vezes o Aumento da hostilidade (5) ao passo que quando se referiram à família alargada nenhum participante referiu Afastamento, distribuindo-se pelas subcategorias mais explícitas de Aumento da hostilidade (2) “*Existiu algum conflito nessa altura (...) um pouco por causa de me revelar, de ser gay*” (Alexandre, 22 anos, *coming out* há 4 anos) e Corte Relacional (2) “*uma pessoa quando se assume à partida tem de pensar que (...) vai ser muito posto*

*de parte, vai ouvir coisas horríveis. Já me aconteceu de tudo*” (Santiago, 22 anos, *coming out* há 7 anos e 5 meses).

Uma explicação para isto poderá ser o facto de tendencialmente os indivíduos terem mais proximidade com os elementos da família próxima que com os elementos da família alargada. Caso haja uma reação muito negativa por parte de um familiar da família afastada (com o qual o participante convive normalmente com pouca regularidade) pode ser relativamente fácil afastar-se desse familiar ou mesmo cortar relações com ele, no caso de familiares com os quais o participante convive diariamente e com os quais tem laços afetivos e emocionais fortes, esse Afastamento ou Corte Relacional pode ser difícil ou até impossível, podendo conduzir ao Aumento da Hostilidade.

### **3.2.6. *Coming out* e Liberdade**

O conceito liberdade, referido por 6 participantes em se referindo a dinâmicas familiares, e a sua relação com o *coming out* já foi abordado anteriormente por Atkinson (1985) e por Valentine e colaboradores (2003), com o conceito de *Famílias Personalizadas*. Famílias personalizadas, conforme já foi referido no *Capítulo I*, são aquelas em que o poder se encontra distribuído de forma igualitária entre os elementos da família, com espaço para a negociação. Nestas famílias, a individualidade de cada elemento é não só valorizada, como incentivada.

Muitas vezes, em famílias mais fusionais, em que a individualidade de cada um (e em especial dos filhos) é pouco demarcada, o *coming out* de um dos elementos pode ser visto como uma desilusão e falhanço pessoal, sendo frequentes os sentimentos de culpa por parte dos pais (Valentine et al., 2003, D’Augelli et al., 1998). Famílias pautadas pela rigidez, com pouco espaço para a individualidade dos seus membros, podem ter dificuldades em aceitar e compreender quando um elemento adota uma postura divergente da identidade familiar e se assume com LGBT, podendo dificultar este processo.

Por outro lado, em famílias que respeitam e valorizam aquilo que torna cada elemento da sua família único, em que os filhos são incentivados a traçar o seu próprio caminho, estes podem sentir-se mais seguros caso tenham de revelar uma orientação LGBT, podendo eventualmente o processo de *coming out* ser experienciado como mais pacífico e natural:

*“Eu acho que é... uma disponibilidade para que cada um de nós (...) pudéssemos ter delineado o seu caminho. Por muito que os meus pais achassem que se devia ter feito um determinado percurso, nunca impediram um contrário. (...) nunca senti que quisessem ver os seus sonhos... (...) vividos pela pessoa dos seus filhos.”* Maria, 31 anos, *coming out* há 5 anos e 2 meses.

### **3.3 Rituais Familiares**

Foram possíveis delimitar três tipos de subcategorias: Tipo de Ritual (18), Vivência do Ritual após o *Coming out* (18) e Facilitadores do Ritual (8). Foi criada também a categoria Tempo do Ritual (18), de forma a distinguir-se e a fazer-se uma posterior comparação entre Rituais Presentes e Rituais Futuros.

#### **3.3.1 Vivência do Ritual**

Durante as entrevistas, foram exploradas as vivências dos rituais familiares no momento presente, após o *coming out*, bem como as perspetivas futuras acerca desta vivência, ao mesmo tempo que eram também exploradas diferenças entre Rituais Públicos (18) e Rituais Privados (18). Com a leitura e análise das entrevistas, cedo na análise ficou claro que os participantes distinguiam dois tipos distintos de rituais familiares, consoante o seu caráter mais público (maior número de familiares, envolvimento de familiares com pouca afinidade ou até desconhecidos, pouca personalização e significação dada ao ritual...) ou mais privado (menor número de familiares envolvidos, envolvimento apenas de familiares próximos e/ou significativos para o participante, ritual personalizado e com significações que o participante referia como especiais).

De acordo com as entrevistas dos participantes, foi possível distinguir dois tipos de Vivências do Ritual após o *Coming out*: Comportamentos de Inclusão(16) e Comportamentos de Exclusão(18). Dentro dos Comportamentos de Inclusão, incluem-se a Inclusão do Parceiro (16) *“Este fim-de-semana combinámos ir a uma exposição na EDP. E eu vou com ela e com a J.”*, Apresentação de si e do parceiro enquanto casal (14) *“Ele é o meu namorado, não é amigo, não é nada de outro género: ele é o meu namorado”*, Perguntar pelo Parceiro (7) *“Houve uma vez que marcámos uma coisa e ela disse ‘Ah, porque não levas o J.?’”* e Demonstrações de Afeto (4) *“Eu ia lá muitas vezes com ela, às vezes tinha atos de carinho, punha a mão na minha perna...”*

Nos Comportamentos de Exclusão, por sua vez, incluem-se a Exclusão do Ritual do Parceiro (12) “*É um ritual que acho que neste momento faz-me mais sentido passar com... só com os meus pais*”, Não Apresentar-se enquanto Casal (9) “*Apresentaria como amiga*”, Comportamentos Hostis (8) “*Nega-lhe o bom dia, [AHH] cumprimenta-a quando não tem a hipótese de não cumprimentar*”, Desconforto Implícito (5) “*O que eu antecipo é que sejam rituais que possam ser um bocado mais desconfortáveis*”, Sem Demonstrações de Afeto (4) “*Eu sei que estando com a J. não há... não há beijos... não me sinto à vontade para fazer isso*”, Evitamento do Ritual (3) “*Às vezes tinha medo de ir vê-los um bocado (...) e então acabava um bocadinho por... por alterar a rotina e os horários*”, Exclusão do Ritual do Próprio (3) “*Como é o Natal?! Não é, simplesmente! Porque é assim, eu não sou falso! Eu não vou falar contigo o ano inteiro, agora não me vou sentar à mesa contigo a rir às gargalhadas!*”, Não Comparência dos Familiares no Ritual (3) “*Ao ponto de depois as pessoas gradualmente começarem a não ir a certos sítios, eventos...*” e Condições de Participação no Ritual (1) “*Lembro-me do meu pai me dizer ‘Tira os brincos porque vais estar com o teu avô’*”.

Os participantes identificaram mais Comportamentos de Inclusão em Rituais Privados (13) do que em Rituais Públicos (9), identificando mais Comportamentos de Exclusão em Rituais Públicos (14) que em Rituais Privados (13), apesar da diferença não ser muito grande. Isto é incongruente com os resultados do estudo de Oswald (2002a) onde os rituais mais Públicos, devido à elevada ritualização, tornavam mais prováveis os Comportamentos de Inclusão. Contudo, os participantes relatavam e previam mais Comportamentos de Inclusão em rituais mais pequenos e Privados. Isto pode dever-se aos participantes poderem-se sentir mais à vontade e confortáveis com os elementos mais próximos da família. Também se, por um lado, ao contrário do que acontece em Rituais Públicos (em que a atenção dos outros está mais dispersa) nos Rituais Privados as atenções estão mais centradas em si, por outro lado, potenciais situações desagradáveis podem ser melhor controladas pelo participante. Isto está bastante explícito no excerto seguinte:

*“E: Ok, então num futuro imaginas levar o teu parceiro [PIGARREIA] para eventos familiares mais íntimos e com menos gente...”*

*A: Exatamente. (...) É assim, se o Natal for passado com a família mais íntima, então sim. Mas se for um Natal muito grande, em que vai muita*

*família que nem sempre é... pronto, deixa mesmo de haver essa intimidade, então não. (...) Planeio que seja mesmo só a minha avó e ele, só mesmo para minimizar qualquer... qualquer acontecimento. Caso seja positivo ou... caso seja positivo claro que vou querer maximizar, mas caso seja negativamente quero que a coisa...*

**E:** *Fique ali.*

**A:** *Exatamente, que não se mova dali.*” Alexandre, 22 anos, *coming out* há 4 anos.

Não se revelaram diferenças de relevo nos Comportamentos de Inclusão e Exclusão de acordo com sexo dos participantes, contudo parece ser mais comum os Comportamentos Hostis (4) e Sem Demonstrações de Afeto (3) “*eu sei que estando com a J. não há... não há beijos... não me sinto à vontade para fazer isso, pelo menos por enquanto.*” (Joana, 28 anos, *coming out* há 10 meses) nos participantes do sexo feminino que para os do sexo masculino (apenas 1 participante referiu Comportamentos Hostis e nenhum fez referência ao facto de não haver ou de haver um especial cuidado com as Demonstrações de Afeto com o parceiro durante a vivência dos rituais).

*“(...) Uma vez num casamento, há um tempo atrás, ele (...) começou bêbado a dizer a toda a gente que eu me estava a fazer a dois rapazes ao mesmo tempo, e que ainda por cima nem sequer me tinha percebido que eles eram gays. (...) E ele virou-se, e disse “Ah, tu és uma oferecida, dás-te a toda a gente sejam homens, sejam mulheres”.”* (Bárbara, 30 anos, *coming out* há 15 anos).

Isto pode estar relacionado também com as reações mais intensas ao *coming out* no caso das participantes do sexo feminino. Devido a um *coming out* mais intenso negativamente, pode ser mais provável a existência de Comportamentos Hostis durante a vivência do ritual, podendo as participantes manter um maior cuidado quando a comportamentos que possam despoletar esses Comportamentos Hostis, nomeadamente as Demonstrações de Afeto.

Como já foi mostrado, a grande maioria dos participantes já vivenciou de alguma forma tanto Comportamentos de Inclusão como de Exclusão e isso não parece estar relacionado com o parentesco dos familiares, grau de *coming out* ou estado civil.

Referências a certos Comportamentos de Exclusão já foram feitos em investigações anteriores (Glass, 2014), nomeadamente relativamente a Sem Manifestações de Afeto. Também nesta investigação, à semelhança da investigação de Glass (2014) alguns participantes mostraram-se cautelosos quanto às Demonstrações de Afeto durante o ritual. Não houve referências específicas a tentativas de dessexualizar a relação, contudo os participantes que referiram este cuidado referiram fazê-lo de forma a não chocar ou a não provocar comportamentos hostis ou potencialmente constranger alguns familiares “*Coisas sempre mais... afetuosas, não acho que seja muito bem aceite por parte deles, portanto*” (Ana Cristina, 23 anos, *coming out* há 2 anos e 2 meses).

Estes Comportamentos de Exclusão, para além do impacto na vivência plena dos rituais pelas pessoas LGBT, pode vir a ter influência nas dinâmicas familiares e mesmo na relação com o próprio parceiro. A não inclusão deste, a não apresentação como parceiro, os comportamentos hostis durante a vivência do ritual, a recusa de manifestações de afetos, etc. pode fazer prever consequências nefastas para a relação, apesar da investigação de LaSala (2002) mostrar que a maioria dos participantes não relatou ter sido afetada por comportamentos rejeitantes por parte da família.

### ***3.3.1.1 Condições de Participação no Ritual***

Apesar da categoria Condições de Participação no ritual ter sido abordada apenas por um participante, foi considerada importante a sua abordagem na presente investigação. Alguns estudos sobre a vivência de rituais em indivíduos LGBT sugerem que grande parte dos indivíduos LGBT se procura adaptar aos comportamentos considerados heteronormativos dos rituais (por exemplo, dançar com elementos do sexo oposto num casamento), de forma a conseguirem ser aceites no ritual e continuarem a sentir-se parte da família (e.g. Oswald, 2000a; Glass, 2014). Contudo, na presente investigação apenas um participante fez referência a pressões para se comportar de determinada forma num ritual familiar “*lembro -me do meu pai me dizer "Tira os brincos porque vais estar com o teu avô" e eu dizer-lhe "Não". (...) Ou "Olha corta o cabelo" (...) porque para o meu avô o cabelinho do homem é todo cortadinho*” (Duarte, 26 anos, *coming out* há 11 anos 4 meses).

O facto de não ter sido referido por mais participantes não significa que, de facto, esta adaptação do participante ao ritual familiar não aconteça. Segundo Oswald e Suter (2004) mesmo os indivíduos heterossexuais restringem ou adaptam certos comportamentos durante a vivência dos rituais de forma a fomentarem a sua inclusão e

sentimento subjetivo de pertença e aceitação (por exemplo, vestir-se da forma considerada unanimemente como mais adequada, dançar com pessoas de quem não se gosta muito, manter conversas de circunstância...). Isto sugere que talvez os participantes da presente amostra possam ter desvalorizado esta pressão para adaptação, por a considerarem algo que é comum a todos os familiares que participem em determinados rituais e não, necessariamente, algo derivado da sua orientação sexual e respetiva aceitação. Por outro lado, o facto de ter sido um participante masculino a evocar estas Condições de Participação pode ser espelho de uma pressão acrescida ao sexo masculino para se comportar conforme expectativas heteronormativas, bem como consequências mais prementes no caso de haver transgressões de género (Nielsen et al. , 2000).

### ***3.3.1.2 Inclusão do parceiro e Apresentação enquanto casal***

Aquando a realização das entrevistas, cedo ficou explícito que, apesar de alguns participantes fazerem referência à Inclusão do Parceiro (16) durante o ritual familiar, nem sempre esta inclusão era acompanhada pela Apresentação de si enquanto Casal. Esta situação apenas foi referenciada por 7 dos 16 participantes que disseram já ter incluído o parceiro em um ou mais rituais, sendo que 3 participantes referiram explicitamente que, apesar de já terem incluído o parceiro em algum ritual, não o tinham apresentado como namorado mas sim como amigo.

*N: Uma vez nós combinámos ir tomar o pequeno-almoço e eu apareci com a C. Não pensei em dizer-lhe “Vai-te embora” e fazer o pequeno-almoço só com a minha irmã e a minha cunhada. Não, não.*

*E:: E como é que a apresentaste?*

*N: “A minha amiga”. Nádía, 27 anos, coming out há 6 anos*

Inclusivamente, mesmo num futuro mais alargado, 3 dos participantes referem que planeiam continuar a levar o seu companheiro, sem contudo o apresentar como tal:

*“A: Inclui-lo é provável que isso aconteça, que eu o inclua e diga inicialmente que é um amigo .*

*E: “Vem um amigo jantar connosco no natal!” [RISOS] .*

*A: [RISOS] “Eu sei que é estranho, mas...” [RISOS]” António, 23 anos, coming out há 5 anos.*

São várias as hipóteses acerca deste condicionamento na Apresentação do Parceiro, ainda que ele possa ser Incluído no Ritual. Uma delas relaciona-se com o grau de *coming out*: quanto menor o grau de *coming out* com a família (menos familiares sabem), menos facilidade parece ter o participante em apresentar o seu parceiro neste tipo de eventos, uma vez que nem todos os familiares estão a par da orientação sexual do participante, o que faria da apresentação do parceiro um *coming out* forçado aos familiares que ainda não têm conhecimento. Isto está explícito no seguinte excerto:

*“Não tenho à vontade com toda a gente que está lá, e por isso não tenho à vontade de partilhar essa parte e acho que é uma parte importante, isso de fazer um (...) statement, mostrar “Olha, este é o meu namorado!” (...) Porque lá está, as pessoas se calhar não aceitavam. Algumas se calhar faziam uma negação ali e eu não quero” Alexandre, 22 anos, coming out há 22 anos.*

Outra hipótese seria esta Inclusão do Parceiro e Apresentação enquanto Casal estar relacionada com o tempo de coming out: quanto mais tempo o participante tivesse de *coming out* mais confortável estaria à partida para apresentar um possível parceiro. Contudo, a análise mostra-nos inclusivamente o contrário: 60% dos participantes com menos de 3 anos de *coming out* apresentavam o seu parceiro nos rituais familiares presentes, contra apenas 46% dos participantes com *coming out* há mais de 3 anos.

Esta Inclusão do Parceiro e Apresentação enquanto Casal pode também estar relacionada com o tempo desde o *coming out*. Segundo investigações anteriores (Samarova, Shilo, & Diamond, 2013) indivíduos homossexuais relatam sentir os pais progressivamente mais aceitantes da sua orientação sexual à medida que o tempo passa, o que pode ter influência na vontade da pessoa incluir o seu parceiro nos rituais familiares apresentando-o como tal.

Nas entrevistas, foi possível observar a referência a vários aspetos que, na perspetiva do participante, facilitaram o ritual. Isto põe a hipótese que talvez a Apresentação do Parceiro possa estar mais condicionada a determinados Facilitadores do ritual, ao invés de aspetos mais intrínsecos como o grau e o tempo de *coming out*.

### **3.3.2 Facilitadores do Ritual**

Conforme já foi referido, ao longo das entrevistas 8 participantes fizeram referências específicas a aspetos que consideravam ter facilitado ou virem a facilitar no

futuro a Vivência do Ritual. São estes Facilitadores do Ritual referidos pelos participantes o Compromisso Oficial (6) “*Quanto mais oficial, mais vai ter... ou seja, quanto mais oficial mais tendência vai haver em ser incluído nos rituais*”, o Apoio de Familiares (2) “*Quando há pessoas na família que são um bocadinho mais... têm tendência a mandar um bocadinho mais de bocas, a serem um bocadinho mais ofensivas, o meu irmão tem a tendência de se pôr à minha frente e de parar a pessoa*”, o Conhecimento do Parceiro enquanto Pessoa (2) “*Perceber quem é a pessoa. Acho que isso é muito importante!*”. Apesar de só uma participante ter feito referência ao Nascimento de Crianças (1) enquanto facilitador do ritual decidiu-se incluir esta categoria, por se considerar que esta pouca referenciação só se deu por ter havido pouca exploração em relação a projetos num futuro mais alargado. Esta participante considera que o nascimento de filhos vai facilitar a vivência dos rituais familiares e ao mesmo tempo intensificar os laços com a sua família, tanto de origem como alargada: “**E:** *E acha que a chegada dos filhos vai criar alterações nesses momentos que tem já com a sua família?* **M:** *[PAUSA] Acho que vai, com certeza! Acho que... acho que vai intensificar.*” (Maria, 31 anos, *coming out* há 5 anos e 2 meses). Isto já foi referido por Reimann (1998; tal como citado Oswald, 2002b), cujos resultados mostram que o facto de ter tido filhos potenciou e melhorou as ligações que mães lésbicas tinham com os seus próprios familiares.

O Compromisso Oficial foi então o Facilitador do Ritual mais referido, tanto por participantes do sexo feminino (3) “*uma coisa é convidarem-me por exemplo eu ainda não estando casada. (...) Estando casada (...) à partida eu estou à espera que me convidem a mim e à S.*” (Rute, 25 anos, *coming out* há 5 anos e 6 meses) como masculinos (3) “*Quanto mais o título tem maior importância, acho que mais importância tem ele fazer parte da minha vida. Em qualquer aspeto da minha vida.*” (Alexandre, 22 anos, *coming out* há 4 anos).

Várias investigações referem já o Compromisso Oficial um importante fator na vivência do ritual: com um Compromisso Oficial a família passa a reconhecer simbolicamente a relação da pessoa LGBT (Clarke et al., 2013; Glass, 2014; Oswald, 2000a) potenciando a participação do parceiro no ritual, ao mesmo tempo que é reconhecido como tal. Isto pode dever-se ao facto de, quando duas pessoas LGBT se casam, a relação passa a ser como que “validada” por rituais normativos e, tradicionalmente, heterossexistas (Glass, 2014). Também o facto de bastantes

participantes terem enumerado como facilitador do ritual o estar num ou ter iniciado um Relacionamento (10), mostra a importância do compromisso não só na Vivência do Ritual mas também da Revelação da orientação sexual.

A ideia de Compromisso Oficial enquanto Facilitador do Ritual vai um pouco contra os resultados acerca da Vivência do Ritual, que não diferiram de acordo com o estado civil do participante. Isto poderá dever-se à fraca representação na presente amostra de participantes Casados ou em União de Facto (apenas 4 dos 18 participantes).

Alguns participantes referiram ainda como facilitador do ritual o Apoio de Familiares (2). Este apoio (ou desapoio...) de familiares pode ter um papel bastante importante não apenas na vivência do ritual propriamente dito, mas também na maneira como outros familiares podem comportar-se durante o próprio ritual. Uma reação de explícito apoio por parte de um familiar durante a vivência do ritual pode conduzir a mais reações de apoio por parte de outros familiares, facilitando o ritual e promovendo Comportamentos de Inclusão. Por outro lado, comportamentos de exclusão que não sejam contrariados por ações e/ou verbalizações de familiares podem conduzir a resistências e receios de outros familiares manifestarem explicitamente apoio ou fomentarem Comportamentos de Inclusão. Isto poderá conduzir a uma crescente dificuldade da pessoa LGBT não só a vivenciar os seus rituais familiares, mas também a incluir de forma plena o seu parceiro.

## IV. CONCLUSÃO

### 4.1 Conclusões gerais

Os objetivos principais deste estudo eram explorar as condições do *coming out* e o seu impacto nos rituais familiares, nomeadamente através da alteração e manutenção não só do próprio ritual em si, mas também do modo como o participante e a família vivenciavam os rituais antes e após o *coming out*. Verificou-se que nem sempre a revelação do *coming out* foi voluntária, sendo que quase todos os participantes referiram algum tipo de revelação involuntária. Tendencialmente, os pais parecem ser alvo de uma revelação voluntária, ao passo que familiares usualmente mais afastados (como os avós) tendem a ter conhecimento da orientação sexual do participante involuntariamente. Os resultados mostraram ainda que existia uma preferência clara pela primeira revelação a elementos da família de origem (pais, mãe e/ou irmãos) em detrimento da família alargada, preferencialmente através de uma conversa presencial.

Adicionalmente, foi possível perceber que alguns participantes, apesar de já terem revelado a sua orientação sexual a alguém da sua família, ainda não o tinham feito a um ou mais elementos significativos da sua família. Especificamente, procurava-se explorar a integração ou não do parceiro nestes rituais, dos processos associados a esta integração e respetivas consequências percebidas pelo participante. Esta exploração dizia respeito não só aos rituais mantidos no momento presente, mas também perspetivas dos participantes quanto a rituais futuros.

Nos tipos de reações mais favoráveis, os participantes referiram o apoio, uma diminuição dos comportamentos homofóbicos e um maior interesse por assuntos LGBT por parte dos familiares. Na forma de reação desfavorável, os participantes nomearam como mais frequentes o constrangimento, a negação e o controlo. Apesar da grande maioria dos participantes referir revelações positivas e negativas, foi possível verificar que os familiares do sexo feminino tendiam a reagir tendencialmente ao *coming out* de forma mais positiva, comparativamente aos familiares do sexo masculino, como já tinha sido concluído em estudos anteriores (e.g. D'Augelli et al., 1998; D'Augelli et al., 2008). Apesar desta reação tendencialmente mais positiva em familiares do sexo feminino, os participantes referiram reações negativas mais intensas (como o controlo ou destrutividade) por parte dos familiares do sexo feminino.

Todos os participantes reconheceram aspetos que facilitaram o *coming out*, sendo estes aspetos maioritariamente extrínsecos. Os facilitadores mais referidos foram

apoio de outros (amigos e/ou familiares) e estarem num relacionamento. Como dificultadores, foram referidos mais frequentemente a homofobia a que foram sujeitos no passado e receio de corte relacional ou afastamento dos familiares. Outro familiar/amigo ser homossexual também parece ter facilitado e/ou motivado o *coming out* em participantes do sexo masculino.

Grande parte dos participantes relataram consequências nas relações familiares, tanto positivas como negativas. A consequência positiva mais referida foi uma maior união e como negativa foi referido mais frequentemente o aumento da hostilidade. Verifica-se então que o *coming out*, segundo alguns participantes, teve consequências e conduziu a alterações nas dinâmicas familiares, tanto positiva como negativamente. Isto já foi explorado em investigações anteriores (e.g. Hilton & Szymanski, 2011), que identificaram alterações no relacionamento com os familiares após o *coming out*, nomeadamente irmãos.

No que diz respeito à vivência dos rituais após o *coming out*, os participantes identificaram vários comportamentos de inclusão e de exclusão por parte dos familiares, confirmando a dualidade inerente aos rituais familiares referida na literatura. Salienta-se aqui a questão da inclusão do parceiro e da sua apresentação à família. Apesar de quase todos os participantes referirem já ter incluído o parceiro num ritual familiar, menos de metade refere tê-lo incluído apresentando-o como seu parceiro. Isto revelou-se em parte relacionado com o grau de *coming out* (quanto menor o grau de *coming out* mais difícil seria a inclusão e apresentação adicional do parceiro enquanto parceiro romântico), mas poderá estar também relacionado com facilitadores externos do ritual, referidos por alguns participantes. O facilitador mais referido tanto em rituais presentes como na previsão de rituais futuros foi o compromisso oficial, nomeadamente o casamento ou a união de facto. Tanto o casamento como o morar junto foram referidos por um número considerável de participantes encarados como facilitadores na vivência dos rituais.

#### **4.2 Limitações e Implicações para a Investigação.**

Como todas as investigações, esta investigação teve limitações metodológicas que devem ser tidas em conta na interpretação dos resultados. Em primeiro lugar, não foi possível aprofundar a exploração dos estilos e importância dos rituais para o participante antes e após o *coming out*, o que impossibilitou a análise de alterações na importância dos rituais para o participante. Esta investigação centrou-se mais nas alterações manifestas dos rituais após o *coming out*, nomeadamente na integração do

parceiro e não na importância subjetiva dos rituais para o participante. Assim, investigações futuras podem beneficiar ao discriminarem a importância subjetiva dos rituais familiares para o participante antes e após o *coming out*, permitindo compreender o impacto do *coming out* na percepção de importância dos rituais familiares.

Também foi feita apenas uma distinção mais macro entre família de origem e alargada. Em investigações futuras poderia ser interessante averiguar o impacto do *coming out* e as vivências dos rituais consoante estes incluíssem familiares considerados próximos do ponto de vista relacional ou, por outro lado, familiares afastados, com menor afinidade/proximidade com o participante. Uma outra possibilidade de aprofundamento da investigação seria o discriminar o sexo dos familiares, de forma a explorar diferenças tanto na reação ao *coming out* como na vivência dos rituais familiares. Na presente investigação, esta discriminação foi feita apenas para os pais e avós.

Outra limitação relevante neste estudo foi o facto de, devido ao guião ser semi-estruturado, muitos tópicos que se revelaram relevantes para a codificação dependiam da evocação dos participantes. Isto significa que o facto dos participantes não terem abordado determinado tema (como por exemplo a manifestação ou não de afeto com o parceiro em rituais familiares) não significa que não seja um aspeto importante. Relacionado com esta limitação, está o facto de algumas questões se terem revelado importantes apenas ao fim das primeiras entrevistas (por exemplo, a inclusão do parceiro no ritual familiar com a apresentação oficial ou não deste enquanto parceiro), o que leva a que essas questões não tenham sido abordadas nas entrevistas anteriores.

Futuras investigações podem procurar reunir uma amostra mais equilibrada ao nível do estado civil do participante, de forma a averiguar-se com maior rigor diferenças na vivência dos rituais em indivíduos que sejam casados e/ou vivam em união de facto com indivíduos que moram sozinhos.

#### **4.2.1. Limitações da Análise**

Outra limitação foi o facto de não se terem feito distinções acerca da percepção do participante acerca da sua orientação sexual. Alguns dos participantes referiram espontaneamente possuir uma opinião negativa relativamente à homossexualidade em geral. Pode ser interessante explorar este aspeto noutras investigações, de forma a explorar diferenças na vivência dos rituais entre indivíduos LGBT com uma percepção negativa ou positiva relativamente à sua orientação sexual, ou seja, estando numa fase

mais inicial ou mais avançada da formação de identidade homossexual (Cass, 1984).

Outro aspeto relevante a considerar em futuras investigações é o das diferenças na vivência dos rituais consoante estes sejam considerados mais ou menos heterossexista. Rituais percecionados como mais heterossexistas podem dificultar a vivência dos rituais por indivíduos LGBT e respetivos parceiros, podendo fomentar sentimentos de exclusão (Oswald, 2000a; Oswald, 2001; Oswald, 2002b; Oswald & Suter, 2004). Apesar dos rituais percecionados como mais heterossexistas serem tendencialmente rituais públicos, esta especificação não foi feita na presente investigação

Por fim, o facto de não haver perguntas que fomentassem a reflexão do participante acerca da relação entre os *Rituais Familiares*, *Coming out* e *Dinâmicas Familiares* impediram o alargar os horizontes da análise, nomeadamente no que diz respeito a uma exploração sistemática da influência e co-relação entre as dinâmicas familiares, o *coming out* e a vivência dos rituais familiares.

Apesar das referências dos participantes relativamente às consequências do *coming out* nas relações com os familiares, por exemplo, e apesar de comportamentos de inclusão e exclusão poderem fazer prever alterações nas dinâmicas familiares dos participantes, isto não foi possível de concluir com base nos dados. Estudos anteriores mostram também uma relação entre um contexto familiar apoiante com uma vivência mais positiva do ritual (Oswald, 2002a; Oswald, 2002b).

#### **4.3 Implicações Práticas**

A pouca investigação relativa a rituais familiares em indivíduos LGBT e respetiva adaptação e integração do parceiro faz com que haja poucas orientações sobre como fomentar a adaptação de rituais com esta população. Com a presente investigação, foi possível perceber alguns aspetos que podem estar relacionados com uma vivência mais ou menos positiva dos rituais familiares, nomeadamente as condições do *coming out* e as relações e ligações familiares com a pessoa LGBT.

Para quem trabalha especificamente com indivíduos ou com famílias de indivíduos LGBT, pode ser importante a identificação de certos aspetos na vivência dos rituais familiares com consequências prejudiciais para as relações entre os jovens e a sua família. De modo complementar, na intervenção junto de indivíduos e famílias, a identificação de certos aspetos benéficos da vivência dos rituais como a integração do parceiro pode promover o uso dos recursos e forças da família para lidar de forma

flexível e adaptativa com os possíveis desafios decorrentes do *coming out*. Grande parte das vezes, para os pais, a homossexualidade do filho é encarada com sentimentos de culpa e receio face a algo que lhes é desconhecido (Valentine et al. , 2003), tendo toda a família de aprender a lidar com a situação de forma adequada e apoiante, em especial quanto à integração de um possível parceiro. Esta integração, embora seja um processo contínuo e não circunscrito no espaço e no tempo, pode ser especialmente facilitada ou dificultada na vivência dos rituais familiares, ocasiões em que a presença das pessoas consideradas “elementos da família” é requerida. Assim, os rituais familiares são uma “porta de entrada” privilegiada para a intervenção junto das famílias, de modo a promover a modificação de comportamentos rejeitantes e a resolução de interações conflituosas e ajudando as famílias a integrar os novos membros e reforçar, assim, a sua identidade enquanto grupo.

## V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychological Association. (2008). *Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality*. Washington, D.C.
- Antman, F. M. (2014). Spousal employment and intra-household bargaining power. *Applied Economics Letters*, 21, 560-563.
- Atkinson, P. (1985). *Language, structure and reproduction: An introduction to the sociology of Basil Bernstein*. London: Methuen.
- Bryman, A., & Burgess, R. (1994). Developments in qualitative data analysis: An introduction. In A. Bryman & R. G. Burgess (Ed.). *Analyzing qualitative data*. London: Routledge.
- Budge, S. L. (2014). Navigating the balance between positivity and minority stress for LGBTQ clients who are coming out. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1, 350-352.
- Braun, V. and Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Cass, V. C. (1984). Homosexual identity formation: Testing a theoretical model. *The Journal of Sex Research*, 20, 143-167.
- Compañ, E., Moreno, J., Ruiz, M. T., Pascual, E. (2001). Doing things together: Adolescent health and family rituals. *Adolescent health and family rituals*, 89-94.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage Publications Ltd.
- Clarke, V., Burgoyne, C., & Burns, M. (2013). Unscripted and improvised: Public and private celebrations of same-sex relationships. *Journal of GLBT Family Studies*, 9, 393-418.
- Coolican, H. (2009). *Research methods and statistics in psychology* (2<sup>nd</sup> ed.). London: Hodder & Stoughton.
- Corbin, J., & Strauss, A. (2008). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc.

- Crosbie-Burnett, M., Foster, T. L., Murray, C. I., & Bowen, G. L. (1996). Gays' and lesbians' families-of origin: a social-cognitive-behavioral model of adjustment. *Family Relations, 45*, 397-403.
- D'Augelli, A. R. (2005). Stress and adaptation among families of lesbian, gay and bisexual youth. *Journal of GLBT Family Studies, 1*, 115-135.
- D'Augelli, A. R., Grossman, A. H., & Starks, M. T. (2005) Parent's awareness of lesbian, gay, and bisexual youths' sexual orientation. *Journal of Marriage and Family, 67*, 474-482.
- D'Augelli, A. R., Grossman, A. H., & Sarks, M. T. (2008). Families of gay, lesbian and bisexual youth. *Journal of GLBT Family Studies, 4*, 95-115.
- D'Augelli, A. R., Grossman, A. H., Starks, M. T., & Sinclais, K. O. (2010). Factors associated with parents' knowledge of gay, lesbian and bisexual youths' sexual orientation. *Journal of GLBT Family Studies, 6*, 178-198.
- D'Augelli, A. R., Hershberger, S. L., Pilkington, N. W. (1998). Lesbian, gay and bisexual youth and their families: Disclosure of sexual orientation and its consequences. *American Journal of Orthopsychiatry, 68*, 361-371.
- Dezanove (2015). Maioria dos LGBT assume orientação sexual e identidade de género aos pais. Recuperado Outubro 13, 2015, de <http://dezanove.pt/maioria-dos-lgbt-assume-orientacao-777932>.
- Dickstein, S. (2002). Family routines and rituals – the importance of family functioning: comment on the special section. *Journal of Family Psychology, 16*, 441-444.
- Drucker, D. J. (2012). Marking sexuality from 0-6: The Kinsey scale in online culture. *Sexuality & Culture, 16*, 241-262
- Dunlap, A. (2014). Supporting youth in the coming-out process: Theory-based programming. *Smith College Studies in Social Work, 84*, 107-129.

- Dwairy, M., & Menshar, K. E. (2006). Parenting style, individuation, and mental health of Egyptian adolescents. *Journal of Adolescence*, 29, 103-117.
- Fiese, B. H. (2006). *Family routines and rituals*. New Haven, CT, US: Yale University Press.
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16, 381-390.
- Giddens A. (1991) *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press.
- Glass, V. Q. (2014). "We are with family": Black lesbian couples negotiate rituals with extended families. *Journal of LGBT Family Studies*, 10, 79-100.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New Brunswick, USA: Aldine Transaction.
- Gorman-Murray, A. (2005). "I'm lucky to have parents like mine": Gay, lesbian and bisexual youth coming out in supportive family homes. *TASA 2005 Conference Proceedings*, 1-11.
- Gorman-Murray, A. (2008). Queering the family home: Narratives from gay, lesbian and bisexual youth coming out in supportive family homes in Australia. *Gender, Place and Culture*, 15, 31-44.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc.
- Hilton, A. N., Szymanski, D. M. (2011). Family dynamics and changes in siblings of origin relationship after lesbian and gay sexual orientation disclosure. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 33, 291-309.

- Holton, J. (2007). The coding process and its challenges. In A. Bryant & Charmaz, K. *The Sage Handbook of Grounded theory* (pp.237- 261). London: Sage.
- Imber-Black, E. (2003). Ritual themes in families and family therapy. In E. Imber-Black, J. Roberts, & R. A. Whiting (Eds). *Rituals in Families & Family Therapy* (Rev. Ed., Chap. 1, pp. 49-87). New York : W. W. Norton & Company.
- Jupp, V. (2006). *The sage dictionary of social research methods*. London: Sange Publications Ltd.
- Kinsey, A., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia : W. B. Saunders.
- Kurdek, L. A (1988). Perceived social support in gays and lesbians in cohabitating relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 504-509.
- Lannuti, P. J. (2011). Examining communication about marriage amendements: Same-sex couples and their extended social networks. *Journal of Social Issues*, 67, 264-281.
- LaSala, M. C. (2002). Walls and bridges: How coupled gay men and lesbians manage their intergenerational relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28, 327-339.
- Matthews, C. H., & Salazar, C. F. (2012). An integrative, empowerment model for helping lesbian, gay and bisexual youth negotiate the coming-out process. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 6, 96-117.
- Mays, V. M., Chatters, L. M., Cochran, S. D., & Mackness, J. (1998). African american families in diversity: Gay men and lesbians as participants in family networks. *Journal of Comparative Family Studies*, 29, 73-88.
- Meyer, E. J. (2011). *Gender and sexual diversity in schools*. Montreal: Springer.
- Mills, J., Bonner, A., & Francis, K. (2006). The development of constructivist grounded theory. *Internatational Journal of Qualitative Methods*, 5, 1-10.

- Nielsen, J. M., Walden, G., & Kunkel, C. A. (2000). Gendered heteronormativity: Empirical illustrations in everyday life. *The Sociological Quarter*, 41, 283-296.
- Oswald, R. F. (2000a). A member of the wedding? Heterosexist and family ritual. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17, 349-368.
- Oswald, R. F. (2000b). Family and friendship relationships after young women come out as bisexual or lesbian. *Journal of Homosexuality*, 38, 65-83.
- Oswald, R. F. (2001). Religion, family and ritual: The production of gay, lesbian, bisexual and transgender outsiders-within. *Review of Religious Research*, 4, 39-50.
- Oswald, R. F. (2002a) Inclusion and belonging in the family rituals of gay and lesbian people. *Journal of Family Psychology*, 16, 428-436.
- Oswald, R. F. (2002b). Who am I in relation to them? – Gay, lesbian, and queer people leave the city to attend rural family weddings. *Journal of Family Issues*, 23, 323-348.
- Oswald, R. F., Suter, E. A. (2004). Heterosexist inclusion and exclusion during ritual: A “straight versus gay” comparison. *Journal of Family Issues*, 25, 881-899.
- Pace, N. J. (2004). Gay, rural and *coming out* : a case study of one school’s experience. *The Rural Educator*, 25, 14-18.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods* (3<sup>rd</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Rhoads, R. A. (1995). Learning from the coming-out experiences of college males. *Journal of College Student Development*, 36, 67-74.
- Roberts, J. (2003). Setting the frame: Definition, functions, and typology of rituals. In E. Imber-Black, J. Roberts, & R. A. Whiting (Eds). *Rituals in Families & Family Therapy* (Rev. Ed., pp. 3-48). New York : W. W. Norton & Company.

- Samarova, V., Shilo, G., & Diamond, G. M. (2013). Changes in youth's perceived parental acceptance of their sexual minority status over time. *Journal of Research on Adolescence, 24*, 681-688.
- Smart, C. (2007). Same sex couples and marriage: Negotiating relational landscapes with families and friends. *The Sociological Review, 55*, 671-686.
- Smit, R. (2001). Maintaining family memories through symbolic action: Young adults' perceptions of family rituals in their families of origin. *Journal of Comparative Family Studies, 42*, 355-367.
- Spagnola, M., & Fiese, B. (2007). Family routines and rituals: A context for development in the lives of young children. *Infants & Young Children, 20*, 284-299.
- Strauss, A. L. (1987). *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Sutter, E. A., Daas, K. L., & Bergen, K. M. (2008). Negotiating lesbian family identity via symbols and rituals. *Journal of Family Issues, 29*, 26-47.
- Tasker, F. (2006). The new gay teenager. *Journal Of Child Psychology & Psychiatry, 47*, 978.
- Treas, J., & Tai, T. (2011). How couples manage the household: Work and power in cross-national perspective. *Journal of Family Issues, 20*, 1-29.
- Valentine, G., Skelton, T., Butler, R. (2003). *Coming out* and outcomes: Negotiating lesbian and gay identities with, and in, the family. *Environment and Planning D: Society and Space, 21*, 479-499
- Wolin, S. J., & Bennet, L. A. (1984). Family Rituals. *Family Process, 23*, 401-420.
- Wood, A. W., & Conley, A. H. (2014). Loss of religious or spiritual identities among the LGBT population. *Counseling & Values, 59*, 95-111.



## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A**

Carta para as Instituições

## Solicitação de colaboração em projecto de investigação

Exmo/a (inserir cargo e nome de acordo com a Associação a contactar)

No âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia com sede na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, decorre uma investigação que pretende explorar a vivência dos rituais familiares da família de origem em indivíduos LGBT que se encontrem, no momento actual, num relacionamento.

Desta forma, gostaríamos de solicitar a divulgação desta investigação junto dos membros da presente associação, de forma a identificar participantes que estejam interessados em colaborar com a presente investigação. A colaboração dos participantes consiste na concessão de uma entrevista de cerca de 1h e no preenchimento de um pequeno questionário. A participação é voluntária e em qualquer momento e por qualquer motivo os participantes podem desistir de colaborar com este projeto.

São compromissos dos investigadores: garantir total confidencialidade sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes, utilizar os dados fornecidos somente para fins de investigação (os resultados têm unicamente valor coletivo) e a destruir as fitas gravadas depois de cumprida a sua finalidade. Se os participantes optarem por facultar os seus contactos de e-mail, ser-lhes-ão enviadas as principais conclusões do estudo até seis meses após o seu término. Estas principais conclusões serão também enviadas por escrito à vossa associação através da pessoa do seu *Director/Presidente*. Os participantes podem ainda requerer quaisquer esclarecimentos e/ou informações adicionais sobre o estudo através dos contactos de email indicados no final desta carta.

Caso surjam dúvidas ou questões adicionais sobre o presente pedido, por favor não hesitem em contactar-nos. Agradecemos desde já a colaboração da vossa associação, essencial para a realização deste projeto.

Com os meus melhores cumprimentos,

---

Ana Afonso

Estudante do 2º Ciclo de Mestrado Integrado,  
Faculdade de Psicologia  
Universidade de Lisboa

Investigadora: Ana Afonso ([anacasimiroafonso@gmail.com](mailto:anacasimiroafonso@gmail.com))

Supervisão: Professora Doutora Carla Crespo ([carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt](mailto:carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt))

Doutora Luana Cunha Ferreira ([luanacunhaferreira@gmail.com](mailto:luanacunhaferreira@gmail.com))

## **APÊNDICE B**

### Consentimento Informado

## INVESTIGAÇÃO NO ÂMBITO DE TESE DE MESTRADO INTEGRADO

### Rituais familiares em jovens adultos LGBT

**Objetivo Geral:** Esta investigação pretende explorar a vivência dos rituais familiares da família de origem de jovens adultos LGBT que se encontram atualmente numa relação. Pretende-se recolher informação que possa no futuro contribuir para uma melhoria da intervenção junto destes jovens e das suas famílias.

**Papel dos participantes:** A sua colaboração consiste na participação numa entrevista de cerca de 1h que será gravada em registo áudio e no preenchimento de um questionário sociodemográfico. A sua participação é voluntária e em qualquer momento e por qualquer motivo pode desistir de colaborar neste projeto.

**Papel dos investigadores:** Os investigadores deste projeto comprometem-se a: garantir total confidencialidade sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes, utilizar os dados fornecidos somente para fins de investigação (os resultados têm unicamente valor coletivo) e a destruir as fitas gravadas depois de cumprida a sua finalidade. Se optar por facultar o seu e-mail, ser-lhe-ão enviadas as principais conclusões do estudo até seis meses após a sua conclusão. Pode ainda requerer quaisquer esclarecimentos e/ou informações adicionais sobre o estudo através dos contactos de email indicados no final da página.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter consciência dos objetivos e procedimentos do presente projeto, bem como do meu papel enquanto participante neste estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Investigadora: Ana Afonso ([anacasimiroafonso@gmail.com](mailto:anacasimiroafonso@gmail.com))

Supervisão: Professora Doutora Carla Crespo ([carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt](mailto:carlacrespo@psicologia.ulisboa.pt))

Doutora Luana Cunha Ferreira ([luanacunhaferreira@gmail.com](mailto:luanacunhaferreira@gmail.com))

## **APÊNDICE C**

### **Blocos Temáticos da Entrevista**

**ENTREVISTA – BLOCOS TEMÁTICOS**  
Rituais familiares e *coming out* em jovens adultos LGBT

<b>Blocos temáticos</b>	<b>Objetivos gerais</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Memória</b>	<b>Ex. Questões</b>
<b>I. Informação</b>	<p>1. Apresentar quem está a entrevistar.</p> <p>2. Explicar o objetivo do estudo e as condições subjacentes à investigação</p>	<p>2.1 Explicar os objetivos, a duração, conteúdo da entrevista e a gravação</p> <p>2.2 Garantir a confidencialidade.</p> <p>2.3 Informar o participante sobre a hipótese de não resposta.</p> <p>2.4 Assegurar os esclarecimentos de dúvidas.</p> <p>2.5 Obter e assinar o consentimento informado</p>	<p>*Agradecer a colaboração e disponibilidade</p>	
<b>II. Posicionamento em relação à família de origem</b>	<p>1. Averiguar quem o participante considera como sua família.</p> <p>2. Explorar a qualidade dos relacionamentos entre o participante e a família de origem (próxima e alargada)</p>	<p>1.1 Averiguar quem o participante considera como parte da sua família.</p> <p>1.2 Averiguar a composição do agregado familiar do participante.</p> <p>1.3 Recolher dados sobre a família de origem do participante.</p> <p>2.1 Explorar as dinâmicas familiares.</p>	<p>* Explorar compromisso relativamente ao parceiro, coabitação, etc.</p> <p>*Não esquecer aspetos como religião e estatuto socioeconómico.</p>	<p>- <i>Quem é a sua família?</i></p>

**ENTREVISTA – BLOCOS TEMÁTICOS**  
Rituais familiares e *coming out* em jovens adultos LGBT

<p><b>III.</b> <i>Coming out</i></p>	<p>1. Explorar condições que precederam ao <i>coming out</i>.</p> <p>2. Explorar reações da família (próxima e alargada) ao <i>coming out</i>.</p>	<p>1.1 Explorar possíveis dificuldades/facilitadores. 1.2 Compreender o papel da família de origem nesta fase enquanto facilitadora/dificultadora.</p> <p>2.1 Perceber importância e posição da família de origem quanto a diferentes orientações sexuais.</p>	<p>* se pertinente, comparar com outros casos de homossexualidade na família.</p>	<p>- <i>Fale-me um bocadinho sobre a altura em que começou a contar aos outros a sua orientação sexual.</i></p>
<p><b>IV. Rituais familiares da família de origem</b></p>	<p>1. Explorar tipos e estilos de rituais na família de origem antes do <i>coming out</i>.</p> <p>2. Explorar percepções do participante quanto a qualidade dos rituais.</p>	<p>1.1 Conhecer que celebrações familiares, tradições familiares, rituais do ciclo de vida e do dia-a-dia mantinha a família de origem do participante. 1.2 Perceber os estilos desses rituais: sub-ritualizados, rígidos, enviesados, ociosos, interrompidos, flexíveis.</p> <p>2.1 Perceber identificação do participante com esses rituais. 2.2 Perceber importância destes rituais na identificação/autonomia com a família de origem</p>	<p>* Questionar acerca de: Natal, Páscoa (ou equivalentes), casamentos, crismas, comunhões, formaturas, rituais de deitar, de refeições e de lazer (ex. passeios e férias)</p> <p>* Explorar possíveis diferenças entre família próxima e alargada</p>	<p>- <i>Como eram os rituais que mantinha com a sua família de origem?</i></p>
<p><b>V. Percepção de mudança</b></p>	<p>1. Explorar percepção de mudança nos</p>	<p>1.1 Verificar se houve percepção de alterações no tipo de rituais familiares com a família de origem após o</p>	<p>* Explorar possíveis diferenças entre família</p>	

**ENTREVISTA – BLOCOS TEMÁTICOS**  
Rituais familiares e *coming out* em jovens adultos LGBT

<b>nos rituais familiares</b>	rituais familiares do participante após o <i>coming out</i> e após iniciar um relacionamento.	<i>coming out</i> e após o encetar relacionamentos amorosos. 1.2 Perceber se a participação nesses rituais ficou dependente de determinadas condições (explícitas e não explícitas) 1.3 Perceber o impacto para o participante destas alterações ou manutenção de rituais. 1.4 Perceber se a inclusão do parceiro estava ou não sujeita a determinadas condições. 1.5 Verificar diferenças nos vários tipos de rituais.	próxima e alargada* Clarificar possíveis diferenças entre relacionamento atual e relações anteriores.	<i>- De que forma o coming out/iniciar um relacionamento teve efeito nos rituais familiares?</i>
<b>VI. Finalização</b>	1. Agradecer ao participante.  2. Obter possíveis informações que não tenham sido abordadas	1.1 Agradecer ao participante a colaboração, a disponibilidade e o contributo para a investigação.  2.1 Perguntar se quer acrescentar algo que julgue relevante. 2.2 Perguntar se existe alguma questão que queira esclarecer ou fazer alguma sugestão.	* Relembrar possibilidade de contactarem a investigadora para esclarecimentos adicionais.	

## **APÊNDICE D**

### **Questionário de Dados Sociodemográficos**

**QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**  
Rituais familiares e *coming out* em jovens adultos LGBT

**DADOS PESSOAIS:**

**Idade:** \_\_\_\_ anos

**Sexo:** F  M  Especificado

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Habilitações literárias:**

-4 anos

-6º anos

-9º anos

0º-12º anos

licenciatura

formação pós-graduada

**Religião:**  Crente praticante  Crente não-praticante  Não-crente

**E-mail**(preencher apenas se desejar receber no futuro os principais resultados da presente investigação): \_\_\_\_\_

**DADOS DO AGREGADO FAMILIAR**

**Agregado familiar** (quem vive consigo. *Ex. Eu, marido, um filho*)

\_\_\_\_\_

**Situação Conjugal:**

Casado Duração do casamento: \_\_\_\_ anos e \_\_\_\_ meses.

em união de facto Duração da união de facto: \_\_\_\_ anos e \_\_\_\_ meses.

Solteiro sem nenhuma relação

Solteiro numa relação Duração do relacionamento: \_\_\_\_ anos e \_\_\_\_ meses.

divorciado

viúvo

Outro (por favor especifique) \_\_\_\_\_

**Rendimento médio anual do agregado familiar:**

até 7 000 euros

de 7 000 a 20 000 euros

de 20 000 a 40 000 euros

de 40 000 até 80 000

mais de 80 000

**DADOS RELATIVOS À ORIENTAÇÃO SEXUAL E COMING OUT**

**Orientação Sexual:**

1	2	3	4	5	6	7
Exclusivamente heterossexual			Bissexual			Exclusivamente homossexual
<input type="checkbox"/>	Assexual					

**Grau de *Coming Out* com a família de origem**(número de pessoas da sua família de origem - pais e irmãos - que sabem a sua orientação sexual):

1	2	3	4	5
Ninguém sabe	Uma pessoa sabe	Uns sabem e outros não sabem	Quase todos sabem	Todos sabem

**Grau de *Coming Out* com a família alargada**(número de pessoas da sua família alargada - avós, tios, tias, primos e primas - que sabem a sua orientação sexual):

1	2	3	4	5
Ninguém sabe	Uma pessoa sabe	Uns sabem e outros não sabem	Quase todos sabem	Todos sabem

**Tempo de *Coming Out***(há quanto tempo pelo menos uma das pessoas da sua família - tanto família de origem como família alargada - sabe a sua orientação sexual):

\_\_\_\_\_ anos e \_\_\_\_\_ meses.

## **APÊNDICE E**

### Árvore de Categorias

<b>CATEGORIAS</b>	<b>FONTES</b>	<b>REFERENCIAS</b>
<b>1. DINÂMICAS FAMILIARES</b>		
Dinâmicas relacionais identificadas pelos participantes entre si e os elementos da sua família.	18	147
<b>1.1 Dinâmicas Positivas</b>		
O participante percebe a relação com o seu familiar como positiva e saudável	16	62
<b>1.1.1 Confiança</b>		
Auto-revelação. O participante sente-se à vontade para partilhar aspetos íntimos e pessoais da sua vida. Abertura.	3	3
<b>1.1.2 Cuidado e Apoio</b>		
Apoio emocional e/ou apoio instrumental que mostre preocupação com o bem estar do participante.	10	18
<b>1.1.3 Liberdade</b>		
Sentimento subjetivo relativo à forma como os familiares respeitam o espaço e a individualidade do participante.	6	9
<b>1.1.4 Proximidade</b>		
Sensação subjetiva de proximidade a elementos da família. Realização de atividades em conjunto. Contactos frequentes. Relação privilegiada com determinado(s) elemento(s)	15	32
<b>1.2 Dinâmicas Negativas</b>		
O participante percebe a relação com o seu familiar como negativa e pouco saudável	17	85
<b>1.2.1 Conflito</b>		
Hostilidade explícita entre elementos da família (ex. discussões)	12	17
<b>1.2.2 Corte Relacional</b>		
O participante e o familiar cortaram relações	3	4
<b>1.2.3 Afastamento Emocional</b>		
Afastamento emocional entre elementos da família.	16	54
<b>1.2.4 Rigidez</b>		
Presença de regras rígidas. Pouca flexibilidade para novas ideias ou atividades. Sensação de desvalorização. Pressão para agir/pensar de determinada forma.	3	5
<b>1.2.5 Sobreenvolvimento</b>		
Preocupação considerada excessiva pelo participante. Ciúmes, tentativas de monopolizar relacionamento. Sensação que a individualidade é pouco ou não é de todo respeitada.	3	5
<b>2. COMING OUT</b>		
Revelação aos outros da sua orientação sexual	18	417
<b>2.1 Revelação</b>		
Forma do participante revelar aos outros a sua orientação sexual	18	122
<b>2.1.1 Voluntário</b>		
	17	42

Revelação do <i>coming out</i> foi por decisão do participante		
<b>2.1.1.1 Conversa</b> Modo de revelação do <i>coming out</i> foi através de uma conversa presencial	17	38
<b>2.1.1.2 Por escrito</b> Modo de revelação do <i>coming out</i> foi por escrito: email ou sms	2	2
<b>2.1.1.3 Presença num ritual como casal</b> O participante revela a sua orientação sexual por meio de um ritual realizado em casal com o seu parceiro (e.g. o seu próprio casamento, comparencia num Natal, etc)	2	2
<b>2.1.2 Involuntário</b> Revelação do <i>Coming out</i> não foi por vontade/decisão do próprio	16	53
<b>2.1.2.1 Acidentalmente ou Por outras pessoas</b> Familiar tomou conhecimento do <i>coming out</i> por acidente, e.g. ouvindo uma conversa sobre o assunto. Familiares souberam da orientação sexual do participante por terceiros.	10	19
<b>2.1.2.2 Aperceberem-se</b> Não houve um momento formal para o <i>coming out</i> , estando ou tornando-se a orientação sexual implícita para os familiares.	13	32
<b>2.1.3 Não sabe</b> O participante optou por não revelar a sua orientação sexual a este familiar	6	9
<b>2.1.4 Primeiro familiar</b> Primeiro(s) familiar(es) a quem foi feito o <i>coming out</i>	18	18
<b>2.2 Reação</b> Reação dos membros da família face à revelação da homossexualidade	18	107
<b>2.2.1 Reações Favoráveis</b> O familiar reage ao <i>coming out</i> de uma maneira que o participante percebe como positiva	17	42
<b>2.2.1.1 Apoio</b> Manifestações de respeito e suporte dos familiares face ao que foi partilhado	16	34
<b>2.2.1.2 Diminuição de comportamentos homofóbicos.</b> Diminuição de manifestações contra a população LGBT em geral e/ou ao participante em particular.	3	4
<b>2.2.1.3 Maior interesse por assuntos LGBT</b> Maior procura de informações sobre a comunidade LGBT, participação ativa e favorável em conversas/debates sobre o assunto.	3	4
<b>2.1.2 Reações Desfavoráveis</b>	16	65

O familiar reage ao <i>coming out</i> de uma maneira que o participante percebe como negativa		
<b>2.1.2.1 Evitamento</b> Vergonha/embaraço face ao que era contado. Evitamento do assunto.	11	23
<b>2.1.2.2 Destrutividade</b> O familiar reage insultando e tratando mal o participante, através de manifestações destrutivas e/ou agressivas	4	8
<b>2.1.2.3 Sair de casa</b> O familiar expulsa de casa o participante após revelação do CO ou o familiar opta por sair devido a conflito/deterioramento de relações que percebe como derivando do <i>coming out</i> .	3	3
<b>2.1.2.4 Não aceitar relacionamento</b> Apesar do familiar aceitar a orientação sexual do participante, não aceita que este esteja num relacionamento homossexual	3	5
<b>2.1.2.5 Encarar como uma fase</b> Famíliares encaram orientação sexual como algo passageiro, desvalorizando o momento do <i>coming out</i>	8	10
<b>2.1.2.6 Pena</b> O familiar reage apontando aspetos que considera serem negativos e que derivam da homossexualidade do participante, manifestando pena.	2	2
<b>2.1.2.7 Dissuasão e Controlo</b> Interdição e monitorização por parte dos familiares para evitar/impedir o participante de manter relacionamentos homossexuais. Tentativas de dissuasão do participante a manter relacionamentos homossexuais.	8	14
<b>2.3 Motivações e Facilitadores</b> Fatores que facilitaram ou tornaram propício o <i>coming out</i>	18	74
<b>2.3.1 Motivações e Facilitadores Intrínsecos</b> O participante possui motivações ou facilitadores intrínsecos para a revelação do <i>coming out</i>	6	
<b>2.3.1.2 Aliviar</b> Necessidade de revelar a orientação sexual com o objetivo de apaziguar uma angústia causada pelo secretismo	4	10
<b>2.3.1.3 Certeza relativamente à orientação sexual</b> Maior à vontade consigo próprio relativamente à sua orientação sexual. Maior certeza que se é efetivamente homossexual.	2	3
<b>2.3.2 Motivações e Facilitadores Extrínsecos</b> O participante possui motivações ou facilitadores extrínsecos para a revelação do <i>coming out</i>	18	13
<b>2.3.2.1 Apoio de Associações</b>	4	8

<b>LGBT/Psicólogo</b> Frequentar uma associação LGBT ou o psicólogo é percebido pelo participante como algo que motivou o <i>coming out</i> a familiares.		
<b>2.3.2.2 Apoio de outros</b> Saber que o revelar da orientação sexual, caso houvesse uma reação muito negativa por parte do familiar, não traria consequências demasiado negativas para o participante, pois este podia contar com o apoio de outras pessoas (família ou amigos).	12	18
<b>2.3.2.3 Distância Emocional</b> A distância emocional entre o participante e o familiar facilitou, na perspectiva do participante, o <i>coming out</i>	1	1
<b>2.3.2.4 Experiências positivas relativas à homossexualidade</b> Experiências anteriores positivas com familiares quando eram abordadas questões relativas à homossexualidade.	2	4
<b>2.3.2.5 Outra pessoa homossexual</b> Um amigo/familiar revelar em primeiro lugar a sua orientação sexual	6	8
<b>2.3.2.6 Participação em rituais e atividades</b> Necessidade de revelar a orientação sexual aos familiares como forma de facilitar/possibilitar a participação em rituais ou em certas atividades	5	5
<b>2.3.2.7 Relacionamentos</b> Aspetos relacionados com um relacionamento homossexual. Iniciar um relacionamento ou apaixonar-se por um indivíduo do mesmo sexo. Facto de uma relação amorosa ter terminado motivou a procura de apoio (emocional e/ou instrumental) que favorecia/motivava a revelação da orientação sexual	10	16
<b>2.4 Receios e Dificultadores</b> Fatores que dificultaram ou impediram o <i>coming out</i>	16	61
<b>2.4.1 Receios e Dificultadores Intrínsecos</b> O participante possui receios e/ou dificultadores intrínsecos para a revelação do <i>coming out</i>	9	15
<b>2.4.1.1 Medo generalizado</b> Receio de revelar a sua orientação sexual sem que o participante reconheça receios concretos.	5	7
<b>2.4.1.2 Opinião negativa relativamente à homossexualidade</b> O próprio participante tem uma conceção negativa dos homossexuais e da homossexualidade em questão, o que na sua perspectiva terá dificultado o <i>coming out</i> .	2	5
<b>2.4.1.3 Religião e Crenças</b> Assumir a sua orientação sexual era incongruente	3	3

com as convicções religiosas dele próprio e/ou dos familiares		
<b>2.4.2 Receios e Dificultadores Extrínsecos</b> O participante possui receios e/ou dificultadores extrínsecos para a revelação do <i>coming out</i>	14	46
<b>2.4.2.1 Distância Emocional</b> O participante tem receio ou não considera necessário revelar a sua orientação sexual por falta de proximidade com o familiar. Revelar não fazia sentido para o participante por não considerar que seja congruente/adequado devido ao tipo de relação que tem com o familiar.	2	3
<b>2.4.2.2 Homofobia</b> Receio/impedimento em revelar a orientação sexual devido à memória de experiências negativas relacionados com a homossexualidade (e.g. comentários negativos) e receio de ser alvo de homofobia	11	21
<b>2.4.2.3 Idade do familiar</b> Receio que o familiar seja demasiado novo/imaturo para perceber a homossexualidade.	3	3
<b>2.4.2.4 Pedidos para não contar</b> O familiar pede ao participante que não revele a sua orientação sexual	3	3
<b>2.4.2.5 Receio de Corte Relacional/afastamento</b> O participante receia que devido à revelação da sua orientação sexual o familiar se afaste/corte relações com ele.	7	11
<b>2.4.2.6 Receio de revelação accidental a outros</b> Receio que fossem contar a outras pessoas acerca da orientação sexual do participante.	4	5
<b>2.5 Consequências nas relações familiares</b> Consequências percebidas pelo participante do <i>coming out</i> nas relações familiares	14	53
<b>2.5.1 Melhoria da relação</b> Sensação subjetiva do relacionamento entre o participante e o familiar ter beneficiado com o <i>coming out</i> .	10	29
<b>2.5.1 Maior União</b> Sensação que a revelação da orientação sexual fortaleceu laços entre os familiares	10	13
<b>2.5.2 Maior Valorização</b> Sensação que os familiares reconhecem de forma mais positiva as qualidades do participante e vice-versa	4	5
<b>2.5.3 Reatar Relações</b> O participante reata relações com o familiar, percecionando-o como consequência do <i>coming out</i>	2	6
<b>2.5.2 Piorar relacionamento</b> Sensação subjetiva do relacionamento entre o participante e o familiar ter piorado devido ao <i>coming out</i> .	8	24

<b>2.5.1.1 Afastamento</b> Ações efetivas de afastamento dos familiares motivadas pelo <i>coming out</i>	4	7
<b>2.5.1.2 Aumento da hostilidade</b> Perceção de comportamentos hostis (implícitos e/ou explícitos) terem aumentado devido ao <i>coming out</i> , tanto explícita como implicitamente	6	11
<b>2.5.1.3 Corte Relacional</b> Corte efetivo dos laços familiares motivados pelo <i>coming out</i>	4	6
<b>3. RITUAIS FAMILIARES</b> Momentos de significado entre os participantes e elementos da sua família	18	699
<b>3.1 Tipo de Ritual</b> Classificação do ritual familiar.	18	267
<b>3.1.1 Rituais Públicos</b> O ritual envolve família alargada e/ou elementos desconhecidos	18	112
<b>3.1.2 Rituais Privados</b> Rituais realizados apenas com a família que o participante considera como sendo mais próxima e íntima.	18	155
<b>3.2 Vivência do Ritual</b> Alterações percebidas pelo participante na vivência dos rituais familiares após o <i>coming out</i> do participante	18	192
<b>3.2.1 Comportamentos de Inclusão</b> Alterações relacionadas com a inclusão e aceitação do participante e do seu parceiro na vivência do ritual	16	106
<b>3.2.1.1 Apresentação de si e do parceiro enquanto casal</b> O participante/parceiro não é apresentado como amigo mas sim como namorado, de forma mais ou menos explícita.	14	23
<b>3.2.1.2 Inclusão do parceiro</b> O parceiro passa a ser incluído/convidado na vivência do ritual familiar, ou ele próprio (ou em conjunto com o participante) decide participar.	16	72
<b>3.2.1.3 Demonstrações de Afeto</b> O participante demonstra afecto de forma visível com o parceiro durante a vivência do ritual.	4	4
<b>3.2.1.4 Perguntar pelo parceiro</b> Quando o parceiro não participa no ritual, questionam sobre isso, encarando-o como parte da família	7	7
<b>3.2.2 Comportamentos de Exclusão</b> Alterações que demonstram exclusão (implícita ou explícita) e não aceitação do participante e do seu parceiro na vivência do ritual	18	86
<b>3.2.2.1 Comportamentos hostis</b>	8	14

Vivência do ritual marcada por comportamentos hostis e homofóbico por parte dos familiares		
<b>3.2.2.2 Condições de participação</b> O(s) familiar(es) determinam algumas condições para o participante e/ou o seu parceiro participarem no ritual	1	1
<b>3.2.2.3 Desconforto implícito</b> Vivência do ritual torna-se desconfortável após revelação da orientação sexual, ainda que sem manifestações concretas.	5	9
<b>3.2.2.4 Evitamento do ritual</b> O participante evitar participar no ritual, pois acredita que este vai trazer-lhe consequências desagradáveis na vivência do ritual familiar	3	3
<b>3.2.2.5 Exclusão do ritual do parceiro</b> O parceiro é excluído/não convidado para o ritual familiar ou opta por não participar	12	29
<b>3.2.2.6 Exclusão do ritual do participante</b> O participante é excluído/não convidado para o ritual familiar ou opta por não participar	3	3
<b>3.2.2.7 Não apresentar-se enquanto casal</b> O participante inclui o parceiro sem contudo o apresentar como tal.	9	15
<b>3.2.2.8 Não comparência dos familiares no ritual</b> Familiares deixam de comparecer ao ritual, o que o participante percebe como se devendo ao <i>coming out</i> .	3	5
<b>3.2.2.9 Sem demonstrações de afeto</b> Inibição por parte do casal nas manifestações físicas de afeto durante a vivência dos rituais	4	7
<b>3.3 Facilitadores do Ritual</b> Aspetos que facilitaram a vivência do ritual após o <i>coming out</i>	8	15
<b>3.3.1 Apoio de Familiares</b> Os familiares facilitam a vivência do ritual pelo participante após o CO e/ou a integração do parceiro nesse ritual	2	2
<b>3.3.2 Compromisso Oficial</b> O facto de haver um compromisso oficial do participante com o seu parceiro (e.g. casamento, união de facto...) facilita a vivência dos rituais em conjunto após o CO	6	10
<b>3.3.3 Conhecimento do parceiro</b>	2	2

Melhor conhecimento do parceiro por parte dos familiares enquanto facilitador da vivencia do ritual. Os familiares passam a encarar o parceiro e a apreciar a sua companhia enquanto pessoa autónoma, desviando-se do papel "companheiro" do participante		
<b>3.3.4 Nascimento de crianças</b> Novos nascimentos enquanto facilitadores da participação nos rituais	1	1
<b>3.4 Tempo</b> Tempo a que ocorre o ritual	18	225
<b>3.4.1 Rituais Futuros</b> Previsões futuras quanto à vivência do ritual	18	61
<b>3.4.2 Rituais Presentes</b> Rituais que o participante mantém no momento presente	18	164
<b>4. PESSOAS</b> Elementos da família do participante	18	1164
<b>4.1 Família Alargada</b>	18	426
<b>4.1.2 Avó</b>	13	91
<b>4.1.3 Avô</b>	10	34
<b>4.1.4 Outros</b>	13	78
<b>4.1.5 Primos</b>	17	111
<b>4.1.6 Tios</b>	17	111
<b>4.2 Família de Origem</b>	18	738
<b>4.2.1 Irmãos</b>	15	178
<b>4.2.2 Mãe</b>	18	291
<b>4.2.3 Pai</b>	18	268